

Este exemplar corresponde
à versão final da Tese de
Mestrado, apresentada à Fa-
culdade de Ciências Médicas
de Unicamp, pela médica
Maria Rita Almeida Correa

Prof. Dra. Lídia Strain
- orientadora -

UNICAMP

FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS

FATORES FAMILIARES E APROVEITAMENTO ESCOLAR EM UMA ESCOLA
PÚBLICA DA PERIFERIA DE SÃO PAULO

Dissertação apresentada por
Maria Rita Almeida Correa ^{MD}
para obtenção do título de Mestre em Saúde Mental

Campinas, janeiro de 1992

C817f

16684/BC

Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação de Mestrado, apresentada pela médica "Maria Rita Almeida Correa", para obtenção do título de Mestre em Saúde Mental, da Faculdade de Ciências Médicas, da Unicamp.

UNICAMP Campinas, 21 de Fevereiro de 1992

FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS

f. v. 17/92
Prof.ª Dra. Lúcia Straus
Orientadora

FATORES FAMILIARES E APROVEITAMENTO ESCOLAR EM UMA ESCOLA
PÚBLICA DA PERIFERIA DE SÃO PAULO

Dissertação apresentada por
Maria Rita Almeida Correa
para obtenção do título de Mestre em Saúde Mental

Campinas, janeiro de 1992

Aos mestres de minha família

A Caco, Laurico, Gui, Ric e Odilonzinho

Ao colega André, mestre que não teve tempo
de receber o título.

AGRADECIMENTOS

À Prof. Dra. Lidia Straus, pelo carinho, precisão, disponibilidade e bom humor com que vem me orientando e estimulando, possibilitando o avanço através de realizações e dificuldades.

À Prof. Dra. Marilise Berti de Azevedo Barros, que, com gentileza e competência, orientou a análise estatística e contribuiu com críticas e sugestões para este trabalho.

A Maria Ignez Lemos dos Santos, Maria do Carmo Morando e Denise Gomes Coutelli, respectivamente diretora, auxiliar de direção e orientadora pedagógica da Escola Estadual de Primeiro Grau Mário Teixeira Mariano, cujo auxílio tornou possível a pesquisa na qual se baseou esta dissertação.

A todos os pais e familiares de alunos que deixaram de lado seus afazeres e compareceram para entrevista, expondo a sua realidade de vida e seus próprios sentimentos para contribuir com este estudo.

Às professoras do ciclo básico da Escola Estadual de Primeiro Grau Mário Teixeira Mariano, que auxiliaram na convocação das famílias entrevistadas.

Ao Prof. Dr. Joel Salles Giglio, que com simpatia e sensibilidade me aconselhou na busca do curso, da bolsa e da orientadora.

Ao Prof. Dr. Jair de Jesus Mari e ao Prof. Nicolau Tadeu Arcaro, que ajudaram a conceber o projeto de pesquisa.

Ao Eugênio Telles, à Maria da Conceição Monteiro e à Nyvia Cristina Bandeira de Castro, pelo apoio e pelo empréstimo de material necessário à realização da análise dos dados e da redação.

À professora Maria do Carmo Almeida Corrêa, pelo auxílio paciente na revisão do texto.

À Sandra, secretária do Departamento de Psiquiatria, que, com carinho e eficiência, tem me ajudado a compreender e corresponder às normas da universidade.

À Renata e ao Jorge, do CIS, que pacientemente auxiliaram na utilização do microcomputador.

À professora Vânia Maria Pereira, que esclareceu dúvidas quanto à redação do texto, pela sua disponibilidade.

À FAPESP, que, através da concessão de bolsa de estudo durante este último ano, contribuiu com condições materiais para a dedicação a este trabalho.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo estudar a relação entre aproveitamento escolar de crianças de primeira série do primeiro grau em uma escola pública de periferia da cidade de São Paulo e fatores familiares, entre eles o estado de saúde mental dos pais. Foram convocadas duzentas e trinta famílias, das quais compareceram cento e cinquenta e uma, que foram entrevistadas. Foram aplicados dois questionários: um deles constava de perguntas objetivas sobre dados sócio-demográficos e situação da criança no meio familiar; o outro consistia na combinação do SRQ-24 (para triar distúrbios psiquiátricos menores e psicoses) e do CAGE (para triar alcoolismo) e foi aplicado separadamente para cada pai e mãe.

No final do ano a escola forneceu a lista dos alunos promovidos e reprovados e foram feitas comparações entre os dois grupos quanto às variáveis estudadas, com auxílio de provas estatísticas.

Foram identificadas diferenças significativas em relação às seguintes variáveis: companhia da criança quando está em casa, número de irmãos, pais alfabetizados ou não, escolaridade dos pais, renda familiar per capita, número de cômodos na casa, número de pessoas na casa.

ABSTRACT

The aim of this survey was to study the relationship between school achievement of children from first year of grade school, at a school in the periphery of the city of Sao Paulo, and some family factors, as mental health of parents. Two hundred and thirty families were called and one hundred and forty-one appeared and were interviewed. Two questionnaires were utilized: one consisted of objective questions about sociodemographic data and about the child's situation among the family environment; the other one consisted in the combination of the SRQ-24 (to screen for minor psychiatric disturbances and psychosis) and the CAGE (to screen for alcoholism) and was answered for each father and mother separately.

At the end of the year the school provided a list of the passing students and the failing students and the variables were compared between the two groups, with the help of statistical tests.

There were identified significative differences regarding the following variables: company for the child at home, number of siblings, the fact of fathers being illiterate or not, father's educational level, family income per capita, number of rooms in the house, number of persons in the house.

SUMÁRIO

	Página
I	INTRODUÇÃO.....1
I.1	Dificuldades escolares.....8
I.1.1	A criança.....9
I.1.2	A escola.....12
I.1.3	A família.....15
I.2	Fatores familiares e aproveitamento escolar.....24
II	OBJETIVOS.....27
III	METODOLOGIA.....29
III.1	População estudada.....29
III.2	Instrumentos.....39
III.3	Procedimento.....42
IV	RESULTADOS.....45
IV.1	Tabelas de freqüência.....45
IV.1.1	Dados obtidos com o primeiro questionário.....45
IV.1.2	Distúrbios psiquiátricos menores.....65
IV.1.3	Psicoses.....66
IV.1.4	Alcoolismo.....67
IV.1.5	Aproveitamento.....67
IV.2	Fatores familiares e aproveitamento.....69
IV.2.1	Associações significativas.....69
IV.2.2	Observações referentes a fatores familiares....80
IV.3	Outras relações relevantes.....85
V	DISCUSSÃO.....87
V.1	Características da população estudada.....88
V.2	Fatores familiares e aproveitamento escolar.....95
VI	CONCLUSÕES.....101
ANEXO102
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	105

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela	Página
01 Sexo e idade - subdistrito do Limão.....	32
02 Sexo e idade - subdistrito Brasilândia.....	33
03 Sexo e idade - subdistrito V.N.Cachoeirinha.....	34
04 Sexo e idade - subdistrito N. Sra. do Ó.....	35
05 Renda familiar - região de N. Sra. do Ó.....	36
06 Idade dos alunos.....	45
07 Sexo dos alunos.....	46
08 Faixa etária dos pais.....	46
09 Estado civil dos pais.....	47
10 Grupo racial dos pais.....	47
11 Religião dos pais.....	48
12 Procedência dos pais.....	48
13 Nível ocupacional dos pais.....	49
14 Situação de emprego dos pais.....	49
15 Alfabetização dos pais.....	50
16 Escolaridade dos pais.....	50
17 Faixa etária das mães.....	51
18 Estado civil das mães.....	51
19 Grupo racial das mães.....	52
20 Religião das mães.....	52
21 Procedência das mães.....	53
22 Nível ocupacional das mães.....	53
23 Situação de emprego das mães.....	54
24 Alfabetização das mães.....	54
25 Escolaridade das mães.....	54
26 Faixa de renda familiar.....	55
27 Renda familiar per capita.....	56
28 Valor da renda familiar.....	57
29 Número de pessoas na casa.....	58
30 Número de cômodos da casa.....	58
31 Esgoto.....	59
32 Eletricidade.....	59
33 Água encanada.....	60
34 Livros ou revistas.....	60
35 Local para estudo.....	60
36 Local para o material de escola.....	61
37 Material para rascunho.....	61
38 Ajuda na lição.....	61
39 Companhia em casa.....	62
40 Companhia no quarto.....	62
41 Número de pessoas por cama.....	62
42 Número de irmãos.....	63
43 Ordem de nascimento.....	63
44 Morte de irmão.....	63

45	Morte parental.....	64
46	Sexo do genitor falecido.....	64
47	Idade quando a morte ocorreu.....	64
48	Pais juntos ou não.....	65
49	Moradia da criança.....	65
50	Distúrbios psiquiátricos menores.....	66
51	Psicoses.....	66
52	Alcoolismo.....	67
53	Aproveitamento - total de famílias.....	68
54	Aproveitamento - famílias que compareceram.....	68
55	Aproveitamento - famílias que não compareceram.....	69
56	Relação aproveitamento-alfabetização dos pais.....	70
57	Relação aproveitamento-escolaridade dos pais.....	71
58	Relação aproveitamento-renda familiar per capita.....	73
59	Relação aproveitamento-número de pessoas na casa.....	75
60	Relação aproveitamento-número de cômodos da casa.....	76
61	Relação aproveitamento-companhia em casa.....	77
62	Relação aproveitamento-número de irmãos.....	78
63	Relação aproveitamento-"sentir-se nervoso".....	79
64	Relação aproveitamento-valor da renda familiar.....	81
65	Relação aproveitamento-ocupação dos pais.....	82
66	Relação aproveitamento-escolaridade das mães.....	83
67	Relação escolaridade dos pais-renda per capita.....	83
68	Relação aproveitamento-dist. psiq. menores.....	84
69	Relação aproveitamento-alcoolismo.....	85
70	Relação idade das mães-dist. psiq. menores.....	85
71	Relação idade dos pais-alcoolismo.....	85
72	Relação dist. psiq. menores-renda per capita.....	86

"Donde vens?-perguntou a Rainha. -E para onde vais? Olha para mim, fala como deve ser e não estejas sempre a mexer com os dedos!

Alice obedeceu a estas ordens todas e explicou, o melhor que pode, que não encontrava o seu caminho.

-Não sei o que queres dizer com o teu ca minho-disse a Rainha-, pois todos os caminhos aqui são meus!-Mas afinal, por que é que vieste parar aqui?-acrescentou, num tom mais afável. -Faz uma vênia, enquanto pensas no que vais dizer. Ganhas tempo.

Alice ficou um bocadinho espantada ao ouvir isto, mas a Rainha impunha-lhe tanto respeito que não conseguia deixar de acreditar no que ela dissera. "Hei de experimentar fazer isso lá em casa", disse para si, "a próxima vez que chegar tarde para o jantar."

LEWIS CARROLL, em

"Alice do outro lado do espelho"

I. INTRODUÇÃO

Em 1979 equipes mínimas de saúde mental (um psiquiatra, um psicólogo e um assistente social) começaram a ser introzidas em unidades básicas de saúde da Secretaria de Saúde do Estado na Grande São Paulo (DIAS, 1984).

Em 1980 a Divisão Nacional de Saúde Mental (DINSAM) propôs diretrizes que vieram de encontro a essas mudanças refletindo a insatisfação dos profissionais da área e a comprovação da ineficácia do sistema hospitalocêntrico, do uso quase que exclusivo de terapêuticas biológicas e da predominância da contratação de serviços privados para atender à população previdenciária, levando à cronificação dos pacientes. Em função de melhorar a atenção aos doentes e de desenvolver ações preventivas propunha, entre outras coisas, "a implantação e implementação de ações de Saúde Mental na rede básica", tradicionalmente voltada ao atendimento materno infantil." (MARIZ,1980)

Em 1982 foram colocados psicólogos em alguns postos de saúde da prefeitura do município de São Paulo, visando iniciar um projeto de atendimento a deficientes mentais em unidades básicas. Esse projeto não foi levado adiante e os profissionais contratados começaram a atuar como consultantes na área de Psicologia.

Em janeiro de 1983 foi divulgado pelo Conselho Consultivo de Administração da Saúde Previdenciária (CONASP) o Programa de Reorientação da Assistência Psiquiátrica que, entre outras coisas, recomendava que a clientela fosse aten

dida na própria comunidade, reservando o encaminhamento para os casos de maior complexidade e que o atendimento em Saúde Mental utilizasse os recursos das unidades básicas integrando-se aos programas já existentes.

Obedecendo às normas desse programa, foi criado no mesmo ano o projeto Zona Norte do município de São Paulo, utilizando recursos materiais e humanos do estado e prefeitura. Nessa ocasião iniciaram seu trabalho as primeiras equipes mínimas de Saúde Mental em postos de Assistência Médica (PAMS) da Secretaria de Higiene do município de São Paulo. No início de 1986, devido a mudanças administrativas extinguiu-se o Projeto, passando os profissionais a obedecer diretamente à Divisão Regional, mantendo, porém, as características do atendimento. A partir dessa data, devido à crescente demanda por Saúde Mental, começaram a ser contratados psiquiatras e psicólogos para PAMs de outras regiões do município.

Em todos os momentos dessa história, os profissionais tiveram aberta uma triagem onde se iniciava um processo diagnóstico ou se encaminhava o cliente para outros serviços. Começou dessa forma a se caracterizar um aspecto inesperado na demanda, que persiste até hoje nos diferentes bairros de periferia onde se localizam essas unidades:

-No Centro de Saúde da Freguesia do Ó, segundo depoimento de um dos psiquiatras que lá iniciou o trabalho, em 1979 "3/4 do total mensal de atendimento (...) provinha da escola." (DIAS, 1984)

-Em 1982, em relatório apresentado pelos psicólogos referente a "queixas apresentadas pela população de seis postos (da zona norte) de maio a outubro de 1982 num total de 544 casos (incluindo adultos e crianças)", a terceira queixa mais frequente era de distúrbios de aprendizagem - 13%;

-Em relatório sobre a implantação do Projeto Zona Norte de junho de 1984 foi afirmado que "a demanda (do PAM Carombé) de crianças é grande, sendo as queixas mais co-

muns de dificuldade de aprendizagem" e que no Centro de Saúde da Freguesia do Ó "a demanda de crianças é alta e a triagem está fechada até agosto";

-Estatísticas da Assistência Técnica de Direção de Psicologia do Departamento de Saúde da Comunidade (janeiro a setembro de 1988) apontaram que, de um total de 3382 triagens individuais feitas pelos psicólogos, 48,16% dos pacientes se situavam na faixa de cinco a catorze anos;

-Em trabalho apresentado pelos psiquiatras e psicólogos da Divisão de Saúde da Comunidade II (zona sul do município), no Curso de Reciclagem em Saúde Mental promovido pelo Departamento de Saúde da Comunidade em outubro e novembro de 1988, afirmou-se que a maior proporção de pacientes triados em setembro se situava entre cinco e onze anos (43%), que a escola era responsável pelo encaminhamento de 21% do total de triagens e que a queixa mais freqüente, levando em conta crianças e adultos, era de problemas de aprendizagem (20%).

Essas porcentagens, à primeira vista, eram bem maiores que as encontradas nos ambulatórios de Saúde Mental do município. Encontramos dados sobre um deles no levantamento feito por ARCARO (1989), que constatou menos de 10% de diagnósticos de dificuldade escolar.

Meu contato com a demanda, vivenciado desde o final de 1985 até o início de 1990 e a troca de informações com profissionais de saúde mental das unidades básicas de saúde de diversas regiões do município me colocaram em contato com uma realidade compartilhada por todos: as porcentagens maiores de queixas eram referentes a dificuldade de aprendizagem. É sabido que os índices de reprovação e evasão escolar são muito maiores nas escolas públicas de periferia que nas escolas particulares. As crianças em questão estavam sendo levadas aos psiquiatras e psicólogos. O diagnóstico de oligofrenia, independente do grau, era atribuível a muito poucas. As outras, reprovadas uma

ou mais vezes, freqüentemente estudando em classes formadas só de repetentes e geralmente entregues a professores pouco experientes, apresentavam, em graus variáveis: ansiedade, agressividade ou inibição excessivas, insegurança, depressão. Era difícil precisar, no momento da observação, quanto desse quadro era anterior ou subsequente à situação de dificuldade escolar.

Uma questão importante preocupava os profissionais de saúde mental: a de escamotear as verdadeiras necessidades da população ao procurar atender essa demanda. SANDLER P.C. (1975) define: "Necessidades no sentido psiquiátrico: razões subjacentes. A demanda de uma certa população pode ser um linchamento. As necessidades ocupam o lugar das razões que levaram a tal demanda". Ou seja: a extensão dos serviços de saúde mental a partir da contratação de profissionais nas unidades básicas de saúde que teria como objetivo atender "às camadas menos favorecidas economicamente que sempre foram seriamente rejeitadas" (SANDLER, P. C., op.cit.) poderia ao contrário prejudicá-las "psiquiatrizando" ou "psicologizando" um problema que talvez fosse de ordem diversa. Com isso, deslocaria a atenção do coletivo para o individual e daria um escoadouro para a ansiedade dos educadores, de modo que estes não sentissem a necessidade de repensar sua prática.

COLLARES e MOISÉS (1986), observando que as crianças com dificuldade escolar vêm sendo encaminhadas também aos pediatras, apontam questão semelhante, afirmando que a avaliação do problema em nível organicista, individual, cria "nova morbidade" e "escamoteia a auto-avaliação da família e/ou da escola". MOISÉS e SUCUPIRA (1988) retomam o assunto, enfatizando como a escola encaminha para os serviços de saúde os alunos com mau rendimento: "... Frente a taxas de 50 a 70% de reprovação ou evasão, insiste-se em buscar causas intrínsecas à própria criança, sem que o sistema escolar seja questionado".

PATTO (1987) também chama a atenção para o perigo de medicalização e psicologização e menciona os testes de inteligência habitualmente usados, inadequados para as crianças das populações mais pobres e marginalizadas por se basearem em informações a que estas não têm acesso.

DIAS (1984), em relação à mesma questão, lembra que "esta idéia acompanha a psiquiatria desde o seu nascimento, a partir da Revolução Francesa: a tentativa de deslocar uma contradição sócio-política para uma solução técnico-científica".

Formas diversas de abordagem eram experimentadas. Uma delas era o trabalho junto aos professores na escola, que, devido à sua maior complexidade, era pouco freqüente. DIAS, op. cit., descrevendo experiência de trabalho com duas escolas da Freguesia do Ó, conta um episódio em que os profissionais, numa das visitas, encontraram todas as crianças aguardando no pátio para que fossem aplicados testes de QI; outro em que um professor procurava convencê-los de tratar toda uma classe de quarenta alunos. Sua opinião era a de que havia "a gritante necessidade de impor uma autoridade calçada numa ideologia de classe média sobre crianças extremamente pobres, social e culturalmente." A proposta de trabalho, aceita por parte dos professores, consistiu no analisar a relação professor-aluno e desmistificar o poder de resolutividade da psiquiatria em relação a questões de caráter sócio-econômico (o que foi conseguido com muitas dificuldades).

Minha experiência de contato com as escolas foi a participação no grupo multiprofissional que no PAM Jardim Ladeira Rosa, da Vila Brasilândia, promovia discussões com professoras e orientadoras das escolas da região, durante o ano de 1988 e início de 1989. Observei que havia uma distância muito grande entre o aluno esperado pelas professoras e o aluno tal e qual se apresentava. Esperavam que os alunos obedecessem a uma disciplina e adotassem formas de expres-

são usuais numa classe média à qual a maior parte não pertencia; muitos eram descritos como agressivos, indisciplinados, desatentos. Várias professoras se mostravam chocadas com hábitos e atitudes das crianças e insistiam em que estas se adaptassem. Outras viam a necessidade de um modo diferente de contato e procuravam modificar atitudes, porém com dificuldade, sem saber por onde começar. As professoras que ficavam com as classes "piores" (para as quais eram selecionados os repetentes, os alunos com maior dificuldade) questionavam o sistema de classes homogêneas, mas não havia abertura para rever esse critério por parte da direção das escolas. Outro questionamento era sobre os remanejamentos durante o ano (que visavam a essa homogeneidade e ocorriam à medida em que os alunos iam mostrando seu desempenho), mas isso também era difícil de ser discutido. A impressão era a de que, à medida que os sujeitos subiam na escala de poder, menor era a disponibilidade para mudanças, havendo uma tendência natural a se esperar a maior quantidade de mudanças do mais frágil: a criança. Quando ela falhava, era a primeira a ser responsabilizada.

Durante o período das discussões, foi possível tomar contato com as greves de professores que tornavam manifestas as péssimas condições de salário desses profissionais, o que não poderia deixar de contribuir para o prejuízo do ensino (duplamente).

Em algumas unidades básicas eram formados grupos de estimulação, sobre os quais não disponho de dados. A forma mais comum de atendimento consistia na combinação de ludoterapia e orientação das mães, geralmente em grupo; nessa prática nos deparamos com o seguinte: muitas crianças, melhorando o estado emocional, melhoravam o rendimento escolar; quase a totalidade das mães era de mulheres com quadros neuroticos graves; os pais geralmente eram referidos como ausentes da responsabilidade de educação dos filhos, frequentemente como alcoólatras e muitos não compareciam para en-

trevistas, apesar de solicitados muito esporadicamente.

As informações das mães e das crianças levavam a supor, em muitos casos, que a maneira como as relações interpessoais se davam dentro dessas famílias contribuíam para o fracasso escolar. Em alguns casos, isso acontecia através da criação de situações geradoras de ansiedade no lar (por exemplo, episódios de agressão relacionados ao alcoolismo) e pareciam afetar a capacidade de concentração do aluno. Em outros, havia atitudes agressivas à criança por parte dos pais, bastante comprometidos emocionalmente, que pareciam induzir atitudes de revanche da criança através do mau desempenho na escola. Havia também situações em que as crianças expressavam o desejo de assumir no futuro ocupações similares às dos pais e que requeriam baixa escolaridade; por sua vez, estes alimentavam expectativas de que os filhos, um dia, viessem a desempenhar profissões mais valorizadas e melhor remuneradas, tendo um nível de exigência em relação ao estudo desvinculado da motivação da criança. Em outros casos, ainda, era possível identificar processos de sabotagem ao estudo por parte dos pais (por exemplo, através de comparações depreciativas em relação a irmãos ou do hábito de fazer a lição pelo aluno), coexistindo com a expectativa de bom desempenho escolar do filho.

Enquanto isso eu recebia no consultório particular crianças de famílias de classe média, nas quais se podia observar situações similares associadas à queixa de dificuldade escolar.

Nas unidades básicas de saúde não tínhamos elementos para saber se esses achados em relação às famílias e alunos estavam associados à maioria dos casos, se a escola estava fazendo uma boa seleção do que encaminhar ou se havia uma seleção por parte das próprias famílias dos encaminhados que procuravam os serviços de saúde quando percebiam que de fato havia problemas.

Essas experiências e observações me fizeram perceber

como é complexo o assunto e como é artificial qualquer identificação de um fator causal.

A necessidade de entender e delimitar melhor meu papel como psiquiatra frente a essa demanda me mobilizou a buscar maior conhecimento do contexto onde ela surgia. Dentre as variáveis envolvidas, escolhi pesquisar alguns fatores ligados às famílias dos alunos e tentar verificar se o encontrado na clínica teria um valor quantitativo que lhe desse significado em termos de saúde pública.

Esta dissertação de mestrado é o produto dessa procura até o momento. Nas próximas páginas, procuro situar os fatores familiares dentro do contexto das variáveis envolvidas e expor uma síntese do que li sobre fatores familiares e aproveitamento escolar, para, em seguida, abordar a pesquisa de campo, seus resultados e conclusões.

I.1. DIFICULDADES ESCOLARES

Dados oficiais mostram uma reprovação de mais de 40% dos alunos da primeira série do primeiro grau no estado de São Paulo; essa porcentagem se refere a uma média, sendo que nas periferias urbanas onde se concentra a população mais desfavorecida sócio-econômicamente, esses índices chegam a atingir até 70%. Uma pesquisa no final dos anos 70 mostrou que a população que utiliza as escolas estaduais na Grande São Paulo é "predominantemente pobre, sendo que 2/3 dela estão concentrados em famílias da faixa de meio a cinco salários mínimos de renda familiar e que dispõem de uma quantia individual insuficiente para cobrir as necessidades básicas do cotidiano- alimentação, moradia, vestuário, transporte." (SÃO PAULO-ESTADO-SECRETARIA DA EDUCAÇÃO, 1987).

Muitas variáveis têm sido relacionadas ao mau aproveitamento escolar. MARCONDES, KRYNSKI, MACHADO (1978), falam sobre três grandes grupos de causas de dificuldades escolares: devidas à criança, à família ou à escola, lembrando

do que elas não atuam isoladamente mas são interdependentes.

LIMA et al. (1985) citam o esquema de MARCONDES et al (1978), enfatizando que "a exposição de causas isoladas sempre se constitui em artifício didático." Afirmam que as populações dos bairros pobres de periferia de São Paulo são as mais atingidas, sendo comparáveis suas taxas de reprovação às das regiões mais pobres do país, como o nordeste e centro-oeste.

MOISÉS & SUCUPIRA (1988) enfatizam que "a dificuldade escolar só pode ser entendida, mesmo em uma criança com doença orgânica, assumindo-se que ela se produz no contato da criança, membro de uma família, com uma instituição social, a escola (...) criando o complexo 'criança-família-escola'."

Para facilitar a exposição, adotei essa divisão artificial em três grupos de variáveis: ligadas à criança, à escola e à família.

I.1.1. A CRIANÇA

MARCONDES et al. (1978) apontam como causas de dificuldade escolar na criança:

1- Falta de amadurecimento: Mais freqüente nos meninos; crianças desatentas, com vontade só de brincar, instáveis, que não atingiram ainda o "momento fisiológico" para ingressar na escola.

2- Condições físicas desfavoráveis: Prematuridade; defeitos de visão, principalmente miopia; defeitos de audição; anemia e desnutrição; parasitoses intestinais; infecções crônicas; problemas neurológicos (Epilepsia-quadros de ausência; disfunção cerebral mínima- crianças hipercinéticas, com incoordenação motora, emocionalmente instáveis, com dificuldade de adaptação à disciplina); problemas ortopédicos; doenças crônicas que levam a faltas freqüentes; falta de sono; defeitos de escrita, leitura e linguagem. Estes úl-

timos, mais freqüentes que os ligados exclusivamente à aritmética, são relacionados à dislexia ("incapacidade para identificar e reproduzir os símbolos gráficos"). São geralmente manifestados como troca de símbolos semelhantes (m-n) ou de orientação oposta (p-q, b-d), inversão de sílabas, etc..

3- Condições psíquicas desfavoráveis:

A- Quanto à inteligência: deficiência mental.

B- Quanto à personalidade. Os autores sublinham aqui a interligação da dinâmica familiar com as características da criança e falam em distúrbios reativos da conduta, moléstias psicossomáticas e distúrbios psiconeuróticos: fobias, condutas obsessivas, histéricas, hipocondríacas, com consequências diretas sobre o aprendizado; problemas de ordem psicótica, com timidez e carência de iniciativa. Dão destaque à fobia escolar a que dão o significado de ansiedade de separação.

AJURIAGUERRA (1983) utiliza a definição de J.Hinshelwood, de 1917, para dislexia: "incapacidade de aprender a ler em um indivíduo que possui a capacidade intelectual necessária"; afirma que os distúrbios afetivos na criança são constantes entre os disléxicos - quando não são primários são secundários à dificuldade de aprendizagem da língua escrita. Cita a deficiência intelectual como causa de dificuldade de aprendizagem. Dá destaque à fobia escolar- crianças que "por motivos irracionais se negam a ir à escola e resistem com fortes reações de ansiedade ou de pânico quando se trata de obrigá-las. O escolar fóbico deseja ir à aula e tem ambições escolares". Refere também que o fracasso escolar pode ser expressão de algum conflito menos aparente ou um "síndrome de inibição intelectual" conseqüente a quadros obsessivos, fóbicos, histéricos ou depressivos. Cita ainda transtornos de caráter com distúrbios de comportamento, quadros reativos e sintomas de origem pré-psicótica.

PAIN (1985) considera "...o problema de aprendizagem

como um sintoma no sentido de que o não-aprender não configura um quadro permanente mas ingressa numa constelação peculiar de comportamentos, nos quais se destaca como sinal de descompensação.". Considera como importantes: fatores orgânicos, específicos, psicógenos e ambientais. Dentre os fatores orgânicos cita hipoacusia, miopia, problemas neurológicos, disfunções glandulares, déficit alimentar crônico. Como fatores específicos refere transtornos na "adequação perceptivo-motora" que são supostamente de causa orgânica e se manifestam como alterações de seqüências percebidas, falta de aptidão gráfica, dificuldade de interpretação de símbolos e outros.

Como fatores psicógenos aponta: A- Dificuldade de aprendizagem como sintoma quando o ato de aprender significa algo que está reprimido; B- Dificuldade de aprender por inibição dos mecanismos intelectuais: quando o ego está comprometendo a energia com outras atividades; quando há evitação do êxito "como castigo à ambição de ser"; quando os órgãos comprometidos na ação estão sexualizados. Os fatores ambientais não compreenderiam as relações familiares, que a autora considera ligadas à estrutura da criança, mas sim as condições materiais como disponibilidade de estímulos e de informação, possibilidades de futuro, lazer.

MOISÉS & SUCUPIRA (1988) criticam o diagnóstico de dislexia: "Os estudos de Emília Ferreiro sobre ' como se aprende ' mostram que a base para o diagnóstico de dislexia geralmente reflete apenas fases diferentes de um processo normal de aquisição da língua escrita." Falam dos problemas emocionais, lembrando que estes, assim como causas, podem também ser conseqüências da dificuldade escolar. Criticam também o diagnóstico de disfunção cerebral mínima, quadro que consideram mal caracterizado e que teria a ver, na sua opinião, com comportamentos gerados na relação com a própria escola.

I.1.2. A ESCOLA

De que maneira a própria escola pode contribuir para o fracasso escolar?

MARCONDES et al. (1978) falam de condições pedagógicas desfavoráveis e condições físicas da escola desfavoráveis. Nas condições pedagógicas se incluiriam o despreparo técnico ou emocional da professora, mudanças de professora, programas de ensino não satisfatórios; afirmam que as professoras de personalidade enérgica e ríspida não favorecem a adaptação das crianças recém-ingressadas na escola e que aquelas com conflitos neuróticos que se expressem em agressividade ou insegurança criam dificuldades que podem levar a um mau aproveitamento. Quanto às condições físicas referem-se a: espaço suficiente, condições sanitárias, de fornecimento de água, de iluminação, de acústica, de temperatura da sala de aula, de segurança, de localização da escola (levar muito tempo no caminho torna cansativo o ato de ir às aulas).

Para AJURIAGUERRA (1983), que se baseia no sistema educativo da França, a escola está a serviço da sociedade no sentido de inculcar na criança seus próprios valores. A escola tradicional não se preocupa com as motivações do aluno e com suas necessidades afetivas, mas tão só com sua inteligência; não leva em conta que o aluno, ao iniciar os estudos, tem de passar por uma grande adaptação-deixar o meio familiar e passar a conviver com normas mais rígidas, deixar de lado a fantasia, assumir responsabilidades e começar a enfrentar novas provas, competições, sofrer as primeiras humilhações. Ele critica esse sistema que afirma estar "a serviço de uma produção cujo benefício se consegue às custas de uma classe desfavorecida e em proveito de privilegiados." . Cita um estudo onde foram introduzidos ao acaso, em cada classe de uma escola, crianças que iam sendo matriculadas, ao mesmo tempo em que se dizia a cada professor

que estes eram alunos capazes de um desenvolvimento muito rápido. Essas crianças ganharam no decorrer do curso mais de doze pontos no C.I. contra oito dos do grupo controle.

A própria Secretaria de Educação do Estado de São Paulo aponta a escola como um dos responsáveis pelos altos índices de reprovação. Afirma que, ao se abrir para as classes populares, não se reformulou para atender a essa clientela e exige que crianças que ingressam no primeiro ano com níveis diferentes de conhecimento percorram todas o mesmo caminho. Assim a escola pública acaba contribuindo " para manter a marginalização das classes populares do sistema. " (SÃO PAULO-ESTADO-SECRETARIA DA EDUCAÇÃO, 1987).

FERREIRO & TEBEROSKY (1980), baseando-se em dados da UNESCO, afirmam que a maioria da população da América Latina fracassa na escola e as maiores porcentagens de fracasso se concentram "entre a população indígena, rural ou marginalizadas dos centros urbanos." Apontam o papel de mantenedor da situação social da escola, que os professores desempenhariam, não de forma consciente; na verdade, o sistema educativo excluiria as crianças de condições sócio-econômicas desfavoráveis.

COLLARES & MOISÉS (1986) são de opinião que as crianças mais pobres têm seu destino diferente já determinado ao ingressar na escola. Elas seriam estigmatizadas por uma primeira avaliação do professor e, tidas como pouco capazes, a partir daí tratadas como tal.

LIMA et al. (1985) afirmam que a escola pública não dá oportunidades iguais para as crianças das diferentes classes sociais, na medida em que na verdade se determinam pelas classes dominantes; sua maneira de atuar e seus ensinamentos se chocam com os valores da população das periferias urbanas e das zonas rurais. E a escola pública é a única escola possível para essa população.

BARRETO et al. (1987) refletem sobre a inadequação gerada pela diferença entre as expectativas dos professores

e a realidade da maioria dos alunos, provocando nas crianças comportamentos perturbadores do andamento da classe. O professor acaba muitas vezes por rejeitar esses alunos, até de forma explícita. Os autores falam sobre os remanejamentos e a homogeneização das classes: o professor não tem o tempo necessário para uma avaliação segura; os alunos encaminhados para as classes "fracas" ficam com sentimentos de incapacidade, de frustração, de falta de auto-confiança. Comprometido seu estado emocional, rendem menos do que poderiam; essa classe mais difícil é dada ao professor mais novo; muitas vezes até a sala reservada para essa classe é a pior do prédio. "Os critérios subjacentes à classificação dos alunos não são meramente técnicos ou pedagógicos, mas estão imbuídos de forte conotação social e cultural." Quanto às classes especiais, referem um estudo feito na Guanabara que mostra que os alunos dessas classes são selecionados também de forma predominantemente arbitrária e, como o ensino lhes é ministrado de forma mais lenta, sua evolução nunca vai poder ser "normal".

DIAS (1984), em sua observação de uma escola na região da Freguesia do Ó, identifica a incompreensão dos professores em relação às características culturais próprias das crianças da periferia. Sobre as classes especiais, verificou que os critérios para encaminhamento eram baseados no comportamento dos alunos. As crianças dessas classes eram segregadas, rotuladas depois entre os próprios alunos. As classes especiais eram chamadas de "chiqueirinhos" e "mini-hospícios".

PATTO (1987) diz que atualmente a tendência é deixar de responsabilizar a criança e sua família e assumir que a responsabilidade do fracasso é da própria escola pública. A qualidade da relação professor-aluno é ruim; o professor logo a princípio prevê que uma criança não vai ser bem sucedida e sua maneira de tratar esse aluno vai ser diferente, de modo que este não tenha um caminho normal para a aprendiza-

gem; a tendência do professor é encaminhar para médico ou psicólogo o "problema"; testes psicológicos são aplicados, inadequados por utilizarem informações de domínio da classe média e rotulam como deficientes crianças que não o são. Os remanejamentos, que em algumas escolas ocorrem várias vezes em um mesmo ano, impedem a formação de um bom vínculo do aluno com o professor (quando justamente o primeiro professor tem um enorme significado para a criança) e com os colegas. Patta diz que há diversos "mitos" cercando a criança das classes mais pobres para atribuir a elas a dificuldade escolar porém "...experiências realizadas em alguns países do mundo evidenciaram que, quando se utilizam pedagogias que levam em conta características infantis, quando se estabelecem relações mais construtivas dos professores com seus alunos, quando os professores estão mais comprometidos com os interesses das classes populares e dominam os conteúdos que ensinam, conseguem-se resultados surpreendentes." Questiona a gratuidade do ensino público, lembrando as contribuições para festas, associações de pais e mestres, a compra de uniforme, material, fotos e documentos. Lembra que o autoritarismo e a desumanização não ocorrem apenas em relação ao aluno no sistema educacional: "Todos que ocupam posições hierarquicamente subalternas no contexto educacional são ao mesmo tempo dominadores e dominados."

I.1.3. A FAMÍLIA

TELLEGEN (1984) fala sobre a aplicação dos conceitos da Teoria Geral dos Sistemas, desenvolvida por Von Bertalanfy na década de 40, a grupos humanos, inclusive famílias.

CALIL(1987) disserta sobre as teorias sistêmicas de famílias. Estas se baseiam na idéia de que distúrbios mentais de um indivíduo são "...expressão de padrões inadequa-

dos de interação no interior da família (...) As ações e comportamentos de um dos membros influenciam e simultaneamente são influenciados pelos comportamentos de todos os outros." A família é considerada também um "sistema aberto" na medida em que seus membros se relacionam entre si mas também com outros sistemas da comunidade, por exemplo, a escola, numa troca constante. Em famílias disfuncionais muitas vezes a criança aparece como elemento que desvia a atenção da família de um conflito do casal. A autora, baseando-se em R.J.Green e J.Framo fala de duas situações do tipo mencionado. Na primeira, a criança é superprotegida : "os pais se unem para eliciar disfunção (incompetência física ou psicológica) na criança que se torna então o receptáculo de proteção, cuidados e preocupação excessiva dos pais. A aparente 'doença' ou 'fraqueza' da criança desvia a atenção dos pais de seus conflitos conjugais. E os pais unidos 'ajudam' a incompetência ou disfunção da criança!" Na segunda a criança é um bode expiatório: "os pais e a criança se unem para eliciar um comportamento de acting out por parte da criança, geralmente agressão, atuação sexual, não acomodação às regras e/ou irresponsabilidade(...) A aparente 'ruindade' da criança desvia a atenção dos pais do conflito marital, na medida em que os pais se unem para controlar e reformar a criança 'ruim'."

MARCONDES et al. (1978) apontam como causas de dificuldade escolar ligadas à família: más condições econômicas, más condições culturais e desorganização sócio-familiar.

As más condições econômicas influenciariam de diversas maneiras. A necessidade de trabalho de ambos os pais pode deixar o filho sem nenhum controle externo, facilitando que falte à aula e se envolva com grupos delinquentiais; essa ausência também dificultaria uma ajuda nos estudos. Poderia ser necessário que a criança também trabalhasse, deixando a escola ou ficando com pouco tempo para

estudar. Adificuldade econômica poderia ser causa de subnutrição e moléstias freqüentes e também impediria que houvesse ambiente físico adequado ao estudo. As más condições culturais se refletiriam em incompreensão da necessidade de leitura e conhecimentos em outros campos e na falta de estímulo por parte da família. A desorganização sócio-familiar (separações, mães solteiras, doenças graves dos pais) seria motivo de insegurança para a criança, que teria consequências no rendimento escolar.

AJURIAGUERRA (1983) afirma que a família " é, na realidade, um todo formando um único e mesmo sistema de relações interdependentes; o estudo de uma ou de várias dessas inter-relações não pode oferecer uma imagem fiel do todo." Discute a noção de pais patogênicos e mães patogênicas; além do comportamento observável dos pais há de sua parte motivações inconscientes que de alguma forma a criança vivencia; os pais têm desejos inconscientes em relação aos filhos, que vão influenciá-los. Se há um problema com um dos membros de uma família, de alguma forma o grupo todo está envolvido.

Falando sobre a família desestruturada, enfatiza a importância do pai na constelação familiar, tanto no contato direto com o filho como também como ponto de referência. Cita GENEVARD (1956), que encontrou em uma pesquisa diferenças estatisticamente significativas quanto ao nível mental, mais baixo em filhos naturais que nas crianças do grupo controle. Cita J.Buitonier e M.Porot, que apontam a importância da idade em que a criança fica órfã ou é abandonada; as consequências negativas seriam praticamente nulas se a perda fosse antes dos sete anos e houvesse substituição parental; na ocasião da perda, a criança tenderia a reações depressivas.

AJURIAGUERRA cita autores que realizaram pesquisas encontrando relações significativas entre distúrbios psiquiátricos menores das mães e distúrbios psiquiátricos e

físicos nos filhos; o mesmo não ocorre com os pais, a menos que estes tenham distúrbios graves de personalidade. Os filhos de mães esquizofrênicas apresentam mais distúrbios de comportamento de um modo geral, porém há pesquisas que revelam um desempenho das funções intelectuais e da linguagem acima do normal em cinco a dez por cento dos filhos de psicóticos.

A fobia escolar é atribuída por Ajuriaguerra a uma relação mãe-filho mal resolvida associada a fatores precipitantes; cita M. Eisemberg que encontrou em uma importante casuística de fobias escolares que todas as mães eram ansiosas e ambivalentes. Paralelamente, os pais seriam mais ausentes, voltados para a profissão. Cita S. Agras, para o qual o quadro se montaria sobre um fundo depressivo ansioso associado a tendência depressiva da mãe, interpretada pela criança como abandono.

PATTO (1987) é de opinião que vários fatores apontados por outros autores como relacionados à dificuldade escolar são "mitos":

1-Mito da deficiência de linguagem: na verdade a incompreensão da criança teria a ver não com a falta de bagagem cultural, mas com a relação professor-aluno, "preconceituosa e desrespeitosa."

2-Mito da desnutrição: ela considera que as crianças severamente desnutridas não chegam aos sete anos de idade e dificilmente chegariam à escola.

3-Mito da carência afetiva: a autora diz que as crianças mais pobres talvez tenham mais carência afetiva, dadas as condições difíceis de vida de sua família, mas não necessariamente; a mãe que trabalha fora dispõe de pouco tempo para os filhos porque justamente está batalhando por sua subsistência. Refere uma pesquisa (de BERNADETTE GATTI et al.) que mostrou que a maioria das crianças repetentes tinha todos os componentes da família vivendo juntos.

4-Mito da evasão escolar para trabalhar: cita pes-

quisa de Maria Malta Campos que "veio mostrar que a família pobre deseja e se empenha para que seus filhos estudem porque vê na escolarização uma possibilidade de melhorar as condições de vida."

5-Mito da "gratuidade" do ensino público; na verdade, a escola exige contribuições, material, uniforme, etc.

MARIZ et al. (1982), ao contrário, afirmam que na medida em que "as doenças carenciais e as doenças infecto-contagiosas, tomadas como prioridade no tratamento à criança são ao mesmo tempo uma prioridade de saúde mental, devido à relação estreita entre ela e o desenvolvimento do sistema nervoso central(...)uma criança nascida em condições desvantajosas tem quinze vezes mais probabilidade de ser rotulada como deficiente mental do que outra nascida em boas condições."

MOISÉS & SUCUPIRA(1988) são de opinião que questões como alcoolismo do pai, separação do casal ou perda de um dos pais, brigas, não seriam necessariamente causa de distúrbios emocionais nos filhos com conseqüente dificuldade escolar. Elas recomendam pesquisar, na anamnese de crianças com essa queixa, dados como escolaridade dos pais, sua valorização de atividades intelectuais, expectativas quanto ao futuro dos filhos. Falam também que a criança pobre que não teve acesso à pré-escola chega ao primeiro ano sem estar familiarizada com o comportamento exigido e sem estar ainda socializada.

CASTANHEDA (1984) fala sobre as famílias de baixa renda, analisando a situação das EMEI (escolas municipais de educação infantil) no município de São Paulo. Ele coloca que as crianças das famílias menos favorecidas (renda familiar inferior a 1,5 salário mínimo), que mais precisariam de pré-escola, são as que menos chegam a frequentar as EMEI. Sem adquirir conhecimentos básicos, essas crianças chegam ao primeiro ano defasadas em relação às que frequentaram pré-escola. Refer estudo feito em 1983 pela Secretaria Municipal de Educação, que aponta que 65,6% das

crianças do município de São Paulo entre os quatro e seis anos de idade não frequentam pré-escola e não há vagas para elas na rede pública. Chama a atenção para a importância da presença de uma pessoa responsável na casa para, entre outras coisas, garantir a frequência à aula.

WEISS(1987) fala sobre a evolução histórica da escrita, com a qual o processo de aprendizagem individual da leitura e escrita apresenta um certo paralelismo. A primeira escrita foi a pictográfica (desenho do objeto), depois a ideográfica (os caracteres se referem ao objeto por convenção ou analogia), a logográfica (o desenho se refere ao nome do objeto e há um início de fonetização), a silábica (sinais arbitrários, um para cada sílaba) e a alfabética, que utilizamos. Cita FERREIRO & TEBEROSKY (1980) que estudaram como as crianças vão tentando compreender através da criação de hipóteses próprias a escrita que vêm ao seu redor. Demonstra, com exemplos de primeiras escritas de crianças, como estas vão passando por diversas etapas, correspondendo cada uma a uma hipótese diferente. Para WEISS (op.cit.) e para FERREIRO (1985) as crianças chegam ao primeiro ano em fases diferentes de aprendizado, nunca partem de zero, na medida em que sempre tiveram oportunidades de contato com a linguagem escrita e puderam começar a construir suas hipóteses; no entanto, nos lares onde há menos valorização da leitura e menos material escrito disponível, onde os mais velhos não têm conhecimento para responder às perguntas das crianças ou criar situações onde fiquem claras as possibilidades de leitura e escrita, as crianças terão uma evolução mais lenta e chegarão em desvantagem ao primeiro ano. FERREIRO (apud WEISS,1987) afirma: "Praticamente todos os repetentes são recrutados entre os sujeitos que iniciaram sua escolarização em níveis pré-silábicos."

PAIN (1985) enfatiza o significado do problema de aprendizagem dentro do contexto familiar. Seria um sintoma de descompensação, não só da criança, mas da família a que pertence. A criança se identificaria com outro membro da

família ou seria inconscientemente induzida a fracassar ; haveria um sentido na ignorância; "a carência de aprendizagem cumpre uma função reguladora em certos tipos de inter-relações." Em relação a questões econômicas e culturais, fala de fatores ambientais, onde se incluiriam características de moradia, a escola, acesso a fontes de cultura, possibilidade de futuro profissional.

DAVIES & GOLDSTEIN (apud SILVA et al., 1982) constatarem em pesquisa realizada na Inglaterra que crianças de sete anos de idade pertencentes a famílias grandes (quatro ou mais filhos) e/ou caçulas tendiam a vir de famílias de baixo nível sócio-econômico, eram significativamente mais baixas, menos inteligentes e tinham pior aproveitamento escolar em comparação com famílias pequenas ou primogênitos. Essas diferenças significativas permaneceram mesmo depois da entrada do efeito de status sócio-econômico. SILVA et al. (1982) testaram essas hipóteses em pesquisa na Nova Zelândia sem encontrar associações significativas.

SAMUELS (1986) diz que estudos dos anos 70 mostram que nível educacional dos pais, renda familiar e número de livros na casa estão relacionados a aproveitamento escolar. Samuels fala da importância dos valores culturais das famílias no desempenho do aluno: a valorização dada ao estudo, o investimento que se faz para que a criança vá para a escola em condições físicas e emocionais para aprender . Isso seria determinante, não o dinheiro, raça ou classe social. Dá como exemplo os imigrantes judeus europeus, chineses e japoneses, muito pobres, cujos filhos foram bem na escola - culturas que têm "reverência pela educação".

MANNONI (1971) questiona os diagnósticos de debilidade mental. Ela afirma que "a sociedade confere à criança um estatuto porque a encarrega, por sua vez, de realizar o futuro do adulto: a criança tem por missão reparar o malogro dos pais, realizar-lhes os sonhos perdidos." A autora mostra, através de relatos de casos clínicos de crian

ças classificadas como "retardadas" (inclusive com referência a testes de Q.I.) que às vezes esse "retardo" da criança é sintoma de uma patologia originária dos pais, efetivada na maneira como se relacionam com essa criança num mecanismo inconsciente. Esse "retardo" pode ser revertido através de interpretações nas entrevistas com o casal de pais e nas sessões com a criança.

SANDLER, I.N. (1980) realizou pesquisa com crianças de periferia urbana, incluídas entre jardim de infância e referidas pelos professores como "desajustadas". Esse desajustamento foi medido em escalas de valores atribuídos pelos pais. Investigava os efeitos de recursos de suporte social como moderadores da relação entre estresse e desajustamento. Os resultados obtidos indicaram que possuir irmãos mais velhos e ambos os pais presentes diminuía os efeitos negativos do acontecimento estressante. Também verificou que "o nível de renda, de educação e status ocupacional são moderadores significantes dos efeitos do estresse na desordem psicológica."

URZUA (1988) fala dos diversos modos como o alcoolismo dos pais pode afetar os filhos. Refere que 44% dos filhos de mães alcoólatras apresentam desenvolvimento intelectual subnormal. O alcoolismo dos pais pode ter como consequência pobreza da família, desnutrição dos filhos, maltrato das crianças. Afirma que "escolares filhos de alcoólatras têm tendência à agressividade e dificuldades na escola e a mau rendimento escolar."

Um estudo feito pela Organização Mundial de Saúde-OMS (1982) fala também dos problemas que o alcoolismo pode trazer aos filhos- fala em pobreza, maus-tratos infligidos às crianças, abandono dos filhos, problemas de desenvolvimento dos filhos. Cita também o síndrome fetal alcoólico (disfunção do SNC, crescimento deficiente, um conjunto de anormalidades faciais e outras malformações) que "pode ser o defeito de nascimento mais comum que costuma

associar-se com retardo mental."

FREEBERG & PAYNE (1967) realizaram uma pesquisa para procurar associações entre características familiares e atitudes parentais que estudos anteriores apontavam como ligadas ao desempenho escolar das crianças. Como resultados encontraram: associação significativa entre provisão para as necessidades intelectuais do filho (separação de recursos para continuidade dos estudos; expectativa de faculdade; local adequado para estudo; livros, leitura para a criança) e: menor número de filhos; maior nível ocupacional e educacional dos pais; ordem de nascimento (os mais velhos recebendo maior provisão). Encontraram também associação significativa entre atitudes de orientação dos filhos (instrução informal, jogar jogos instrutivos, determinação do tempo para assistir televisão...) e: menor número de filhos e filhos mais velhos. Identificaram também que as mães eram sempre mais disponíveis para orientação dos filhos que os pais. As expectativas quanto à realização nos estudos e ao futuro nível de ocupação eram, em relação aos filhos homens, maiores. A compra de brinquedos e livros foi significativamente maior quanto maior o nível educacional dos pais. Quanto mais perto o filho estivesse de ser o primogênito, em mais tenra idade os livros eram comprados.

Embora não se refiram especificamente a dificuldades escolares, achei importante citar aqui dois estudos, na medida em que essas dificuldades costumam se associar a problemas emocionais da criança, conforme mencionei anteriormente.

O primeiro estudo é o de VILELLA et al. (1989). Observaram cinquenta crianças levadas para consulta de psiquiatria infantil em Havana, cuba, vindas de famílias onde havia pais alcoólatras. Todas as crianças apresentavam de fato patologia psiquiátrica. Verificando-se as respostas afetivas nos filhos destacaram-se: brigas no lar(76%) temor de ver o pai embriagado (54%); tristeza de ver o

pai embriagado (22%). Destaca-se também que 44% das mães apresentavam patologia psiquiátrica.

O segundo é o de ALMEIDA FILHO et al. (1985), realizado em Salvador, Bahia. Eles pesquisaram a relação entre saúde mental dos pais e saúde mental das crianças. Como resultado obtiveram que idade da criança, tamanho da família e comprometimento mental da mãe estavam associados significativamente a problemas nos filhos; o comprometimento do pai não mostrou associação significativa com psicopatologia na criança.

I.2. FATORES FAMILIARES E APROVEITAMENTO ESCOLAR

Conforme foi visto até aqui, muitos autores concordam em que famílias de baixo nível sócio-econômico estão mais sujeitas a que suas crianças fracassem nos estudos por diversos fatores envolvidos, inclusive a própria escola que lhes é disponível. Também foi apontado que há padrões de dinâmica familiar capazes de contribuir para que uma criança apresente, como um sintoma, dificuldades escolares. Quanto a associações entre quadros clínicos psiquiátricos definidos dos pais e aproveitamento escolar de seus filhos pouca coisa foi encontrada na literatura: referências a quadros depressivos-ansiosos em mães de crianças com fobia escolar, mau desempenho escolar em filhos de pais ou mães alcoólatras, alta prevalência de crianças superdotadas filhas de psicóticos; por outro lado também não foram encontrados relatos onde essa associação tenha sido pesquisada e não tenha sido identificada. Cabe lembrar as referências à associação entre distúrbios psiquiátricos das mães e alcoolismo de pais e mães a distúrbios psiquiátricos das crianças; as referências a associação entre distúrbios psiquiátricos da criança e mau desempenho escolar.

A questão que se levanta é: em que proporção essas

associações (saúde mental dos pais e aproveitamento escolar, dificuldade escolar como sintoma de disfunção familiar) estão presentes quando se pensa em dificuldade escolar, qual o significado dessas associações em termos da população onde a dificuldade escolar é tão prevalente?

Quanto à saúde mental dos pais pensamos que essa associação possa existir devido à prevalência alta de alcoolismo e distúrbios psiquiátricos menores que costuma se encontrar entre populações de baixa renda. FERNANDES (1989), ao pesquisar saúde mental de funcionários de um hospital geral no município de São Paulo encontrou "crescimento proporcional de sintomas na medida em que o estrato sócio-econômico decrescia." MARI (1987), pesquisando distúrbios psiquiátricos menores em três serviços de saúde do município de São Paulo encontrou incidência significativamente maior num posto de saúde da Vila Brasilândia que servia à população mais carente em seu estudo. MASUR (1979) relata índices muito altos de alcoolismo em pacientes dum hospital geral do município de São Paulo. MASUR & JORGE(1986), em um estudo sobre alcoolismo no Brasil apontam associação entre alcoolismo e baixa situação sócio-econômica.

Considerando-se também a grande proporção de imigrantes que costumam residir na periferia de São Paulo é importante lembrar o trabalho de TISMINEZKY et al.(1986) que demonstra a relação entre alcoolismo e migração nas situações onde se torna difícil a adaptação, como um sintoma de desorganização pessoal e coletiva; a ingestão de álcool, pelos resultados de sua pesquisa, aumentava conforme o tempo de permanência no novo local.

Com relação à dificuldade escolar como sintoma não se encontrou referências na literatura em que se basear para supor que possa aparecer com mais frequência nas populações de baixa renda.

Alguns trabalhos citados se referem a fatores tais

como o número de filhos, ordem de nascimento, morte de um dos pais, etc.. Seria interessante se fosse possível avaliar o quanto essas associações tem a ver com diferentes possibilidades materiais para o desenvolvimento cognitivo da criança e quanto tem a ver com diferentes possibilidades para a criança em relação a papéis dentro da dinâmica familiar; só que essa separação parece ser impossível.

A pesquisa relatada a seguir procurou estudar uma possível relação entre saúde mental dos pais e aproveitamento escolar dos filhos e a associação do aproveitamento com alguns fatores que, se verificada, poderia apontar caminhos para trabalhos de outra ordem, como estudos de interação familiar.

Optei por pesquisar esses fatores dentro do contexto das variáveis mais conhecidas, levantando na população estudada fatores sociodemográficos e condições materiais favorecedoras de estudo. Baseei essa opção e a escolha do método, o epidemiológico, em artigo de SANDLER, P.C. (1975) sobre a Psiquiatria Social. Ele afirma que esta seria uma ponte entre dois níveis, o da sociologia e o da psicodinâmica (individual e familiar) e aponta as possibilidades do método epidemiológico, inclusive para quantificar dados "que foram apontados como relevantes inicialmente pela psicanálise." A proposta desta pesquisa se identificou também com o modelo teórico da Psiquiatria Social que o autor propõe quando afirma que "não admite relações de causa-efeito simples mas sim tentará compreender a dinâmica interacional envolvida", de acordo com uma visão sistêmica (TELLEGEN, 1984; CALIL, 1987; TISMINETZKY et al, 1986 ; SANDLER, P.C., 1975).

II. OBJETIVOS

1. Avaliar quais as possíveis relações entre o aproveitamento escolar de crianças da primeira série do primeiro grau de uma escola pública de periferia do município de São Paulo e indicadores do estado de saúde mental dos pais

2. Avaliar quais as possíveis relações entre o aproveitamento escolar dessas crianças e alguns fatores considerados relevantes em estudos de interação familiar.

3. Avaliar quais as possíveis relações entre o aproveitamento escolar dessas crianças e condições materiais favoráveis ao estudo no meio familiar.

4. Avaliar quais as possíveis relações entre o aproveitamento escolar dessas crianças e fatores sócio-demográficos.

5. Caso sejam encontradas as associações aventadas em "1" estudá-las em combinação com fatores sócio-demográficos que tenham se mostrado significativos.

"Velados estão os vossos olhos com grande número de véus. Cada coisa sobre a qual lançais o vosso olhar é um véu.

Selados estão os vossos lábios com grande número de selos. Cada palavra que pronunciais é um selo.

As coisas, sejam quais forem as suas formas e espécies, são somente véus e ataduras com que a Vida está atada e velada. Como poderão os vossos olhos, que são em si mesmos um véu e uma atadura, vos levar a algo que não seja a ataduras e véus?"

MIKHAIL NAIMY, em

"O Livro de Mirdad"

III. METODOLOGIA

III.1. POPULAÇÃO ESTUDADA

Foram escolhidas para este trabalho as famílias dos alunos do ciclo básico da Escola Estadual de Primeiro Grau Professor Mário Teixeira Mariano. Essa escola foi ligada, durante o ano de 1988, a um programa do Posto de Atendimento Médico Jardim Ladeira Rosa, na Vila Brasilândia. Esse programa promovia discussões entre professores e orientadores pedagógicos de diversas escolas da região, com altos índices de reprovação e evasão, junto a uma equipe multidisciplinar (psiquiatra, psicólogo, fonoaudiólogo, assistente social). A clientela da escola era referida como heterogênea e as dificuldades se referiam basicamente ao desempenho das crianças de famílias de baixa renda, com nível de informação pobre ou nulo em relação às matérias ensinadas e com maior dificuldade em aceitar a rigidez da disciplina escolar.

O ciclo básico, implantado nas escolas estaduais a partir de 1984, abrange o que tradicionalmente corresponderia às primeira e segunda séries do primeiro grau e tem a duração mínima de dois anos; tem como proposta fazer com que a criança que, ao final do primeiro ano de aprendizagem não tenha adquirido conhecimento suficiente para ser promovida a um segundo ano tenha oportunidade de prosseguir a partir do ponto ao qual conseguiu chegar e inclusive de recuperar o atraso, completando o ciclo básico em dois anos.

Procuramos selecionar famílias de crianças que estivessem no mesmo nível de aprendizado, chamando apenas as classes de iniciantes e os ciclos básicos "fracos", onde estavam os alunos que ainda não haviam adquirido as noções

mais básicas, correspondentes ao primeiro ano.

Geograficamente a escola se localiza no subdistrito do Limão, região de N. Senhora do Ó, na Zona Norte do município de São Paulo. No entanto, o local mescla características dos subdistritos mais periféricos como Vila Brasilândia, do qual dista menos de um quilômetro, e também de N. Sra. do Ó e Nova Cachoeirinha (ver mapa à pág. 31).

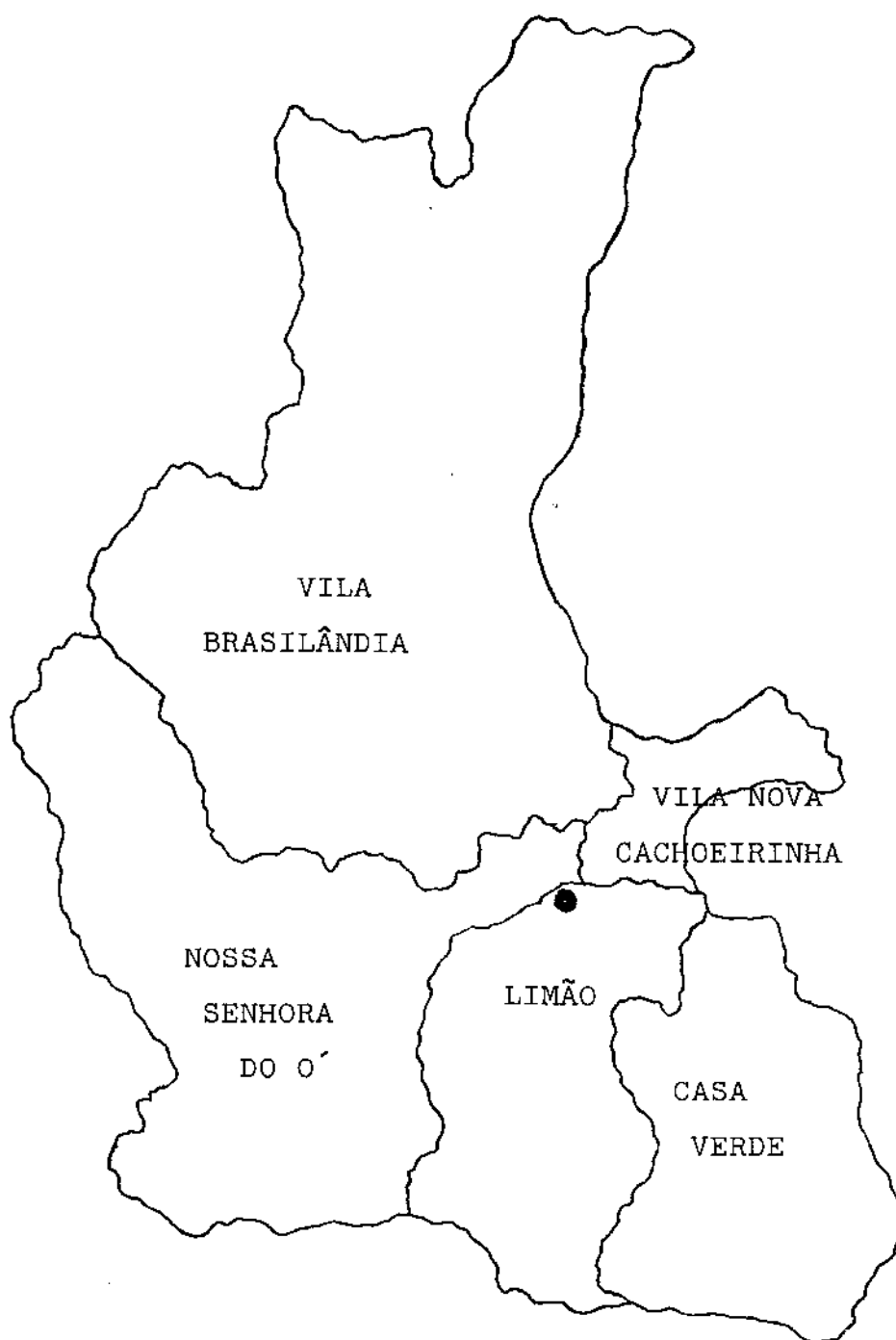
A região de Nossa Senhora do Ó se limita ao norte com o município de Caieiras, a leste com o subdistrito de Santana, ao sul com os subdistritos de Barra Funda e Lapa e a oeste com os subdistritos de Jaraguá e Pirituba, tendo ainda como limites geográficos o rio Tietê ao sul e a serra de Cantareira ao norte. Compreende cinco subdistritos de paz: Casa Verde, Limão, Nova Cachoeirinha, Nossa Senhora do Ó e Vila Brasilândia, sendo que apenas Casa Verde fica excluída deste estudo pela maior distância em relação à escola.

A região de Nossa Senhora do Ó é bastante heterogênea e aí se encontram, muito próximas, áreas com os mais diferentes níveis de saúde e sócio-econômicos. Segundo documento da Administração Regional de Saúde 7 (ARS-7,1989), do qual extraímos os dados sobre os subdistritos envolvidos que expomos neste capítulo, essa heterogeneidade se repete dentro de cada subdistrito e "os indicadores de saúde ou sociais são, em geral, médias que tendem a atenuar as diferenças encontradas."

CARACTERÍSTICAS DA POPULAÇÃO DA REGIÃO

-A densidade populacional é de 14.727 hab/km², considerando-se a região como um todo; é aproximadamente a mesma em todos os subdistritos, um pouco menor na Vila Brasilândia, por ser área de ocupação mais recente. É o subdistrito que apresenta crescimento maior porque ainda dispõe de espaço para receber migrantes.

MAPA DA REGIÃO DE NOSSA SENHORA DO Ó



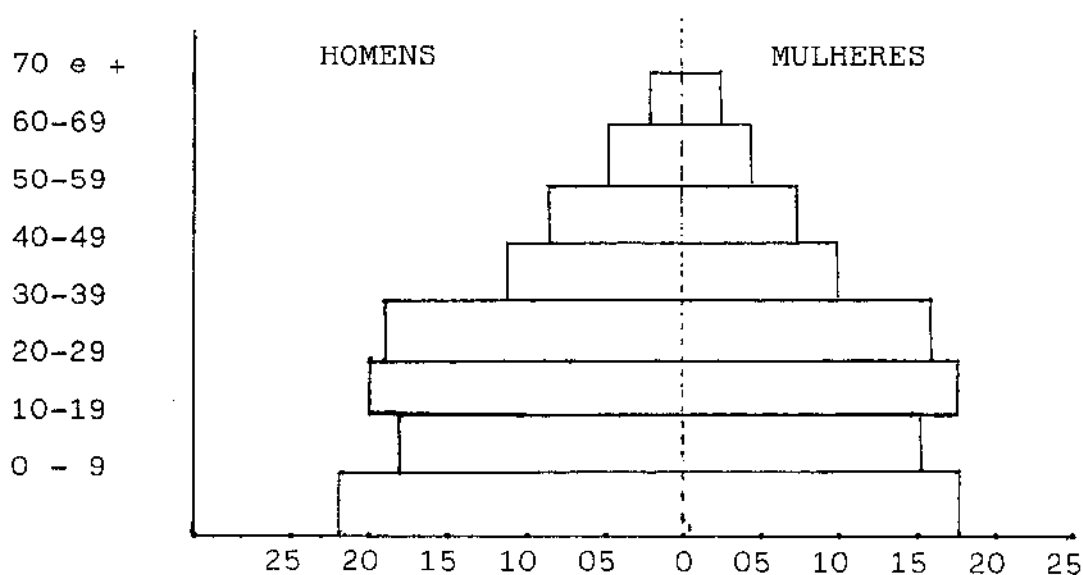
● E.E.P.G. Prof. Mário Teixeira Mariano

-Distribuição da população por idade e sexo: A pirâmide populacional da Vila Brasilândia é típica de região de baixo nível sócio-econômico. A do Limão é a que mostra um nível melhor, a da Vila Nova Cachoeirinha e Nossa Senhora do Ó são intermediárias.

1. DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E FAIXA ETÁRIA NO SUBDISTRITO DO LIMÃO - POPULAÇÃO ESTIMADA PARA 1989

Faixa etária	Sexo	Masculino		Feminino		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
0 - 9		9310	20,59	9069	19,29	18379	19,94
10-19		7930	17,53	7797	16,59	15727	17,06
20-29		8586	18,98	8333	18,79	17419	18,88
30-39		8277	18,30	8126	17,29	16403	17,79
40-49		4822	10,66	5345	11,37	10167	11,01
50-59		3393	7,50	3868	8,23	7261	7,86
60-69		1987	4,39	2543	5,42	4535	4,90
70 e +		919	2,03	1422	3,02	2341	2,52
TOTAL		45224	100	47008	100	92232	100

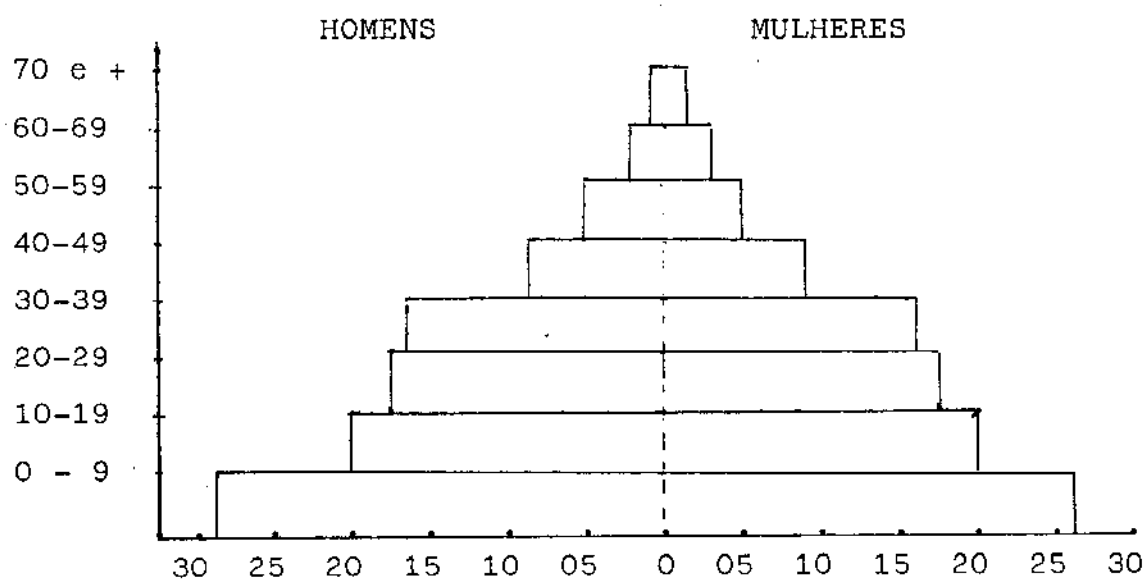
FONTE: SEADE



2. DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E FAIXA ETÁRIA NO SUBDISTRITO DA BRASILÂNDIA - POPULAÇÃO ESTIMADA PARA 1989

Faixa etária	Sexo	Masculino		Feminino		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
0 - 9		34554	26,62	33058	25,35	67612	25,98
10-19		26789	20,63	26815	20,58	53604	20,60
20-29		22562	17,38	22969	17,62	45531	17,5
30-39		22431	17,29	21677	16,63	44108	16,96
40-49		11802	9,10	12360	9,49	24162	9,29
50-59		6649	5,12	7169	5,50	13818	5,31
60-69		3576	2,75	4382	3,36	7958	3,05
70e+		1441	1,11	1929	1,47	3370	1,29
TOTAL		129804	100	130359	100	260163	100

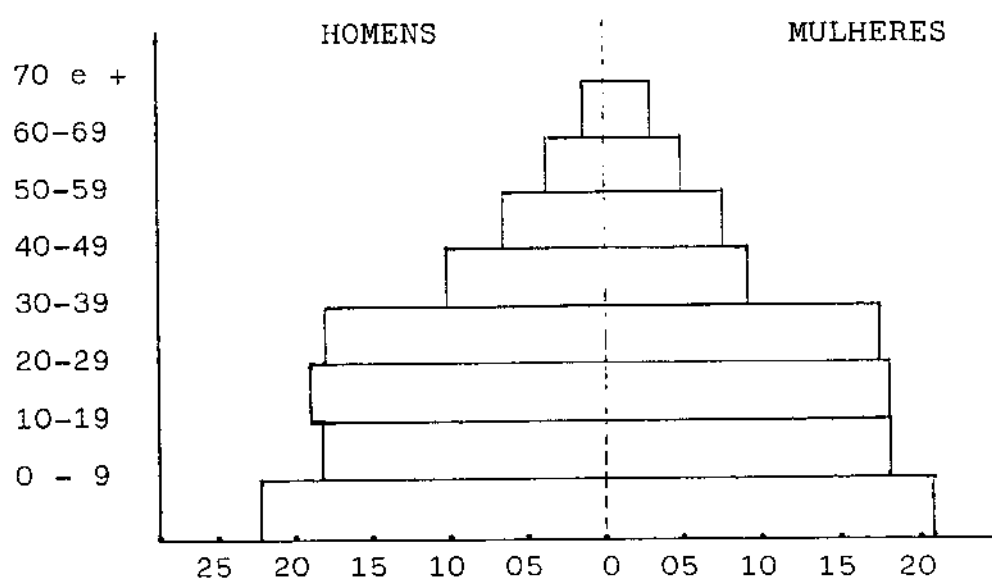
FONTE: SEADE



3. DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E FAIXA ETÁRIA NO SUBDISTRITO DE VILA NOVA CACHOEIRINHA - POPULAÇÃO ESTIMADA PARA 1989

Faixa etária	Sexo	Masculino		Feminino		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
0 - 9		4343	22,29	4287	21,36	8630	21,82
10-19		3546	18,21	3539	17,63	7085	17,92
20-29		3695	18,97	3722	18,55	7417	18,76
30-39		3494	17,94	3509	17,49	7003	17,71
40-49		1864	9,57	1958	9,76	3822	9,66
50-59		1350	6,92	1576	7,85	2926	7,38
60-69		872	4,47	980	4,88	1852	4,67
70e+		318	1,63	498	2,48	816	2,05
TOTAL		19482	100	20069	100	39555	100

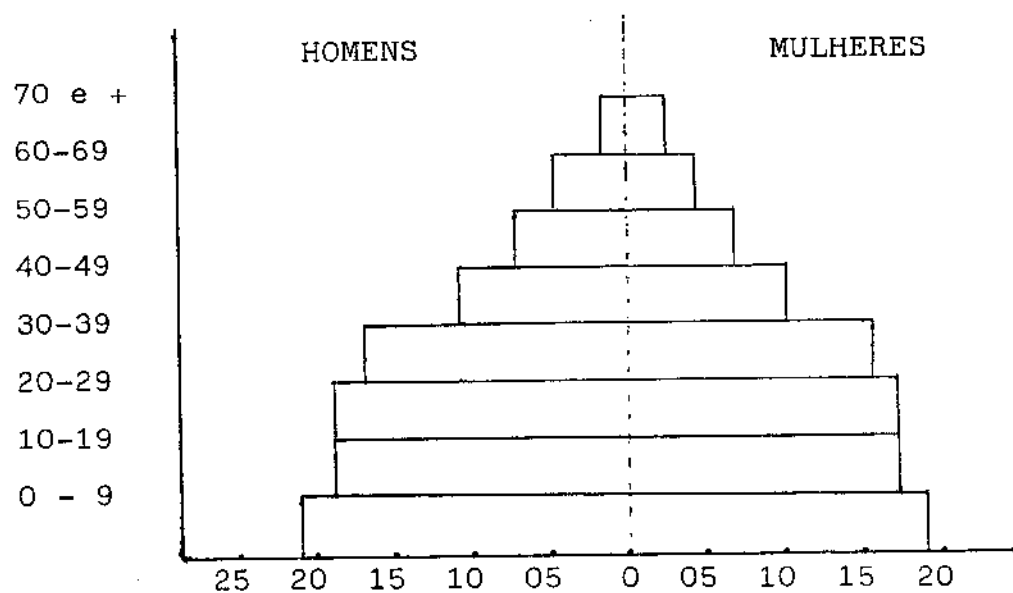
FONTE: SEADE



4. DISTRIBUIÇÃO POR SEXO E FAIXA ETÁRIA NO SUBDISTRITO DE NOSSA SENHORA DO Ó - POPULAÇÃO ESTIMADA PARA 1989

Faixa etária	Sexo	Masculino		Feminino		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
0 - 9		19669	21,36	19015	20,09	38684	20,72
10-19		17087	18,56	16943	17,91	34030	18,23
20-29		17050	18,52	17335	18,32	34385	18,42
30-39		16270	17,67	15977	16,89	32247	17,28
40-49		9457	10,26	10535	11,14	19992	10,70
50-59		6864	7,45	7570	7,99	14434	7,72
60-69		3881	4,21	4699	4,96	8580	4,58
70e+		1817	1,97	2564	2,70	4381	2,33
TOTAL		92097	100	94638	100	186735	100

FONTE: SEADE



-Características sócio-econômicas: Não há dados sobre nível de emprego e população economicamente ativa. Quanto à situação de renda, os dados mais recentes são de 1983 e constam da tabela a seguir:

TABELA 5

DISTRIBUIÇÃO DE RENDA FAMILIAR EM SALÁRIOS MÍNIMOS MENSIS DA POPULAÇÃO DA REGIÃO DE NOSSA SENHORA DO Ó - 1983

Subdistritos	% da população por faixa de rendimento em salários mínimos mensais				Total
	0-3	3-5	5-12	+de 12	
N. Sra. do Ó	19,73	21,06	47,66	11,55	100
Casa Verde	19,10	27,67	38,17	6,72	100
Limão	22,56	45,71	39,62	10,15	100
V.N.Cachoeirinha	25,25	45,71	26,21	2,83	100
V. Brasilândia	36,21	29,40	30,22	4,17	100
Total	24,58	31,37	36,37	7,08	100

Note-se que nos subdistritos de Nossa Senhora do Ó e Limão a maioria da população ganha entre 5 e 12 salários mínimos, em Vila Nova Cachoeirinha entre 3 e 5 e na Brasilândia abaixo de 3 salários. Nos bairros de Nossa Senhora do Ó e no Limão, mais antigos, convivem famílias de classe média, nas zonas centrais, com outras de extrema pobreza, na periferia ou em cortiços.

-Condições de habitação: 52,78% da população da região de Nossa Senhora do Ó reside em favelas e cortiços; em 1987 a Secretaria de Habitação do Município demonstrou que o processo de favelamento na região da Freguesia do Ó vem aumentando cada vez mais e é o maior da zona norte. A grande maioria dos barracos se concentra no subdistrito de Vila Brasilândia, em seguida no de Nossa Senhora do Ó, Limão

e Vila Nova Cachoeirinha.

-Indicadores de condições ambientais: Há coleta de lixo em toda a região; a coleta é dificultada em relação a favelas. Os entulhos não estão sob controle - eles são usados para "tampar buracos" e são jogados nos córregos, contribuindo para as enchentes, frequentes na região.

Água e esgoto: existem os reservatórios de Cachoeirinha, Brasilândia e Freguesia do Ó para abastecimento de água à população. Em alguns locais, como Vila Brasilândia, é difícil a expansão da rede de água e esgoto por causa do declive do solo. O esgoto não é tratado, é lançado diretamente no rio Tietê.

-Educação: Na região de Nossa Senhora do Ó existem 79 escolas de primeiro grau incluindo estado, prefeitura e particulares. As escolas de educação infantil para crianças de quatro a seis anos são da prefeitura, do estado ou particulares. No município como um todo, atendem a cerca de 40% da demanda. Isso faz com que muitas crianças, geralmente das famílias dos mais baixos níveis sócio-econômicos, cheguem ao primeiro ano sem nunca terem tido a experiência de convivência e aprendizado fora do lar. A região de Nossa Senhora do Ó tem 21 escolas de educação infantil. As creches atendem crianças de 0 a 6 anos; na região há 33 creches.

A taxa de analfabetismo (dados de 1980) foi calculada em 14,2 para o município como um todo, 22,0 para a Vila Brasilândia, 12,6 para o Limão, 14,6 para Nossa Senhora do Ó e 14,3 para Vila Nova Cachoeirinha.

Segundo dados fornecidos pela Secretaria de Educação do Estado em abril de 1989, o número de alunos atendidos no primeiro grau na região é de 108130. O número de alunos atendido no segundo grau é de 16517; é importante observar a diminuição do número de alunos atendido em relação aos de primeiro grau. Essa mesma fonte revela existirem 14711 crianças na pré-escola na região. Existem esco-

las de segundo grau apenas na Casa Verde (duas estaduais e quatro particulares) e três na Vila Nova Cachoeirinha (todas particulares).

-Indicadores de saúde:

Vila Nova Cachoeirinha- A curva de mortalidade proporcional de Nelson de Moraes e o indicador de Swaroop-Uemura sugerem um nível de saúde regular. O coeficiente de mortalidade infantil foi de 14,22 em 1984. Nas crianças até quatro anos predomina pneumonia como causa de óbito, provavelmente associada à desnutrição e más condições hospitalares. Na faixa etária produtiva predominam mortes por acidentes de trânsito e homicídios.

Vila Brasilândia- O coeficiente de mortalidade infantil de 1984 foi de 82,20. A mortalidade neo-natal e infantil tardia são altas devido à assistência hospitalar precária. O indicador de Swaroop-Uemura indica um nível de saúde baixo; a curva de Nelson de Moraes aponta um nível de saúde típico de países de extremo subdesenvolvimento. Como causas de morte até quatro anos predominam pneumonia, gastroenterite, desnutrição. Acima disso, até vinte e cinco anos predominam os homicídios. Segundo fontes do CIS e do SEADE em 1989 os homicídios foram a principal causa de morte nesse subdistrito, independente da faixa etária e sexo.

Nossa Senhora do Ó- É o subdistrito mais antigo da região; mistura famílias de classe média com bolsões de pobreza e os indicadores vão refletir uma situação intermediária. O indicador de Swaroop-Uemura e a Curva de Nelson de Moraes mostram um nível de saúde regular. O coeficiente de mortalidade infantil foi de 41,56 em 1984. A relação entre mortalidade infantil tardia e mortalidade neo-natal vem se invertendo mas está longe ainda de chegar a níveis desejáveis. Até os quatro anos de idade predominam óbitos devido a pneumonia e gastroenterite e é freqüente a desnutrição. Entre vinte e vinte e nove anos predominam as mortes violentas. Nos maiores de cinquenta anos predominam doen-

ças cárdio-vasculares e neoplasias, o que também acontece nos outros subdistritos.

Limão- O coeficiente de mortalidade infantil foi de 45,74 em 1984. Os indicadores de Swaroop-Uemura e a Curva de Nelson de Moraes apontam nível de saúde regular. Causas mais comuns de óbito: até quatro anos, pneumonia, enterites, causas nutricionais; nas faixas produtivas, mortes violentas; nos maiores de cinquentaanos, neoplasias e doenças isquêmicas do coração.

-Recursos de saúde: Na região de Nossa Senhora do Ó há vinte e oito unidades básicas de saúde, dois ambulatórios de especialidades clínicas, um ambulatório de Saúde Mental, uma maternidade-escola com cento e vinte leitos e quatro hospitais particulares conveniados.

O ambulatório de Saúde Mental, até pouco menos de um ano a única referência na região para o tratamento de psicóticos, teve sempre um desempenho difícil devido à escassez e à alta rotatividade de profissionais, além de mudanças na direção determinadas por questões políticas. As unidades básicas da região que pertencem à prefeitura vêm procurando assumir a proposta de atendimento aos psicóticos, para o que estão sendo contratados mais psiquiatras e psicólogos, além de terapeutas ocupacionais, que anteriormente não constavam da equipe das unidades básicas. A ARS7 não dispõe de dados de prevalência de doenças mentais. Levantamentos feitos em unidades básicas da região dão idéia da demanda que chega a esses serviços de saúde e são citadas por ocasião da discussão dos resultados deste trabalho.

III.2. INSTRUMENTOS

Foram utilizados dois questionários. O primeiro consiste em perguntas objetivas sobre: 1- Dados sócio-demográficos; 2- Fatores materiais facilitadores do estudo em ca-

sa; 3- Presença de fatores habitualmente relevantes em estudos de interação familiar. O segundo consiste de perguntas que dependem de respostas subjetivas e visa levantar possíveis casos de doenças mentais e alcoolismo entre os pais. Uma cópia dos questionários está em anexo no final do capítulo.

O PRIMEIRO QUESTIONÁRIO

Inicia levantando dados sobre o aluno: nome, data de nascimento, sexo.

A pergunta 2 identifica quem preenche o questionário.

As perguntas de nº 3 a 26 procuram levantar alguns dados sócio-demográficos considerados relevantes para este estudo: idade, estado civil, raça, religião, procedência, ocupação e escolaridade dos pais, renda familiar, condições de habitação. A divisão em níveis da ocupação e da escolaridade dos pais seguiu as escalas adotadas por GUIDI & DUARTE (1969). Em relação ao número de cômodos na casa seguimos também suas recomendações em omitir "partes da residência como cozinha, banheiro, área e varanda, pois isso dificultaria o confronto entre vários tipos de residência".

As perguntas de nº 27 a 32 visam levantar condições materiais habitualmente favorecedoras de estudo no meio familiar.

As perguntas restantes constam habitualmente das anamneses psiquiátricas de crianças por serem consideradas relevantes (AJURIAGUERRA, 1983; SIMMONS, 1976) e apontam pistas, para a investigação na clínica, da interação que vive a criança no ambiente familiar. De acordo com SANDLER, P.C. (1975), no estudo de famílias "o método epidemiológico pode quantificar certos dados que foram apontados como relevantes inicialmente pela psicanálise: a ordem de nascimento (posição dentro da prole), o tamanho da família, a perda parental precoce ou tardia e a composição familiar." A intenção foi a de verificar se a presença dessas pistas se

mostrava significativamente diferente entre os promovidos e reprovados, o que apontaria caminhos para futuras pesquisas com instrumentos adequados a esse tipo de estudo.

O SEGUNDO QUESTIONÁRIO

Compreende, na sequência, o SRQ-24 (Self-report questionnaire) e o CAGE.

O SRQ compreende originalmente 25 perguntas; são referentes a percepções da pessoa sobre si mesma e a fenômenos que experimenta, inclusive de ordem somática. As primeiras 20 questões servem para triar distúrbios psiquiátricos menores, ou seja, não psicóticos; as 4 seguintes para fenômenos psicóticos e a última para epilepsia. Foi criado a partir de instrumentos pré-existentes (PASSR, PGI, CHQ e PSE), testado e validado por equipe ligada à Organização Mundial de Saúde, visando facilitar pesquisas de saúde mental em cuidados primários de saúde de países em desenvolvimento; seu objetivo era começar a avaliar a morbidade psiquiátrica na comunidade, ultrapassando o espaço das instituições psiquiátricas. Foi traduzido para diversas línguas inclusive o português (HARDING et al., 1980; HARDIG et al., 1983; MARI & WILLIANS, 1986; MARI, 1987; IACOPONI, 1987). É um questionário de triagem que faz o levantamento de prováveis casos na perspectiva de uma segunda etapa onde se faz a consulta psiquiátrica. Os autores referem seu uso como estágio único em situações onde seria difícil um seguimento posterior; encontramos estudo em nosso meio utilizando-se SRQ-20 como estágio único na tese de FERNANDES (1989). O SRQ-20 foi escolhido para esta pesquisa por ter sido validado no município de São Paulo (incluindo amostra da população residente em subdistrito próximo à escola escolhida) por MARI & WILLIANS (1986), pela sua sensibilidade e especificidade, 83% e 80% respectivamente, e por ser de fácil aplicação. No estudo de MARI & WILLIANS o melhor ponto de corte encontrado foi entre 7 e 8, ou seja, apontando como prováveis casos os que respondem afirmativamente a 8 perguntas ou mais. As quatro perguntas para psicose foram in-

cluídas com ressalvas na medida em que experiência relatada anteriormente, com população dessa mesma região (IACOPONI, 1987), leva a questionamento de sua validade para esse meio; por recomendação dos autores (HARDING et al.1980) bastaria uma pergunta respondida afirmativamente para triar uma provável psicose.

O CAGE foi desenvolvido por ERWING & ROUSE (1970) , validado em nosso meio por MASUR & MONTEIRO (1983) e, desde então, bastante utilizado em outros trabalhos (MASUR et al., 1985; MASUR & JORGE, 1985; KERR-CORRÊA et al.,1985 ; MASUR & JORGE, 1986; IACOPONI, 1987). Visa triar possíveis casos de alcoolismo. Consta de quatro perguntas onde as palavras-chave em inglês formam a sigla CAGE: cut-down (C) , annoyed (A), guilty (G) e eye-opener (E). São considerados CAGE+ os que responderem a duas ou mais perguntas afirmativamente. Foi escolhido por ser validado em nosso meio, por sua alta sensibilidade e especificidade (88% e 83%) e fácil aplicação.

III.3. PROCEDIMENTO

Os questionários foram aplicados em espaço cedido pela escola durante todo o decorrer do mês de maio do ano de 1990. Inicialmente a auxiliar de direção da escola esclareceu em reunião de pais e mestres o objetivo da pesquisa. A seguir foram chamados, através de bilhetes, os pais ou responsáveis das duzentas e trinta crianças, numa média de quinze famílias por dia. Quando apenas um dos pais comparecia, insistia-se para que o outro viesse em dia e horário previamente marcado para responder às perguntas do segundo questionário. Com base em precedentes encontrados na literatura (MARI & WILLIANS,1986; MARI, 1987), as perguntas foram lidas para parte dos informantes (os analfabetos e os que apresentaram dificuldade em relação a preencher o questionário). Todas as entrevistas foram feitas pela autora do trabalho, sendo esclarecidas apenas dúvidas relati-

vas ao preenchimento.

Foram incluídos para responder ao segundo questionário, referente a saúde mental, os pais adotivos, madrastas e padrastos que compareceram, desde que exercessem de fato função de pais.

Os dados referentes à promoção ou reprovação foram fornecidos no final do ano pela coordenadora pedagógica da escola.

Procedeu-se então à descrição da parcela da população que compareceu, através da confecção de tabelas de frequência simples e relativa.

Eliminadas as variáveis evidentemente não discriminantes, como presença de esgoto, eletricidade e água encanada, procedeu-se ao estudo de como se distribuía a incidência de reprovados e promovidos em relação às respostas dadas a cada variável, através de tabelas e testes estatísticos. Tabelas, testes estatísticos e gráficos foram feitos com auxílio de microcomputador através do programa EPI INFO, concebido para uso em pesquisas epidemiológicas.

"Yo no soy sino la red vacía que adelanta
ojos humanos, muertos en aquellas tinieblas,
dedos acostumbrados al triángulo, medidas
de un tímido hemisferio de naranja."

PABLO NERUDA, em

"Los enigmas"

IV-RESULTADOS

Compareceram cento e cinquenta e uma famílias das duzentas e trinta convocadas, sendo cento e quarenta mães, cinquenta e oito pais e quatro responsáveis.

Os resultados obtidos são apresentados a seguir. Na primeira parte do capítulo procuro descrever a população, através de tabelas de frequência referentes às diversas variáveis estudadas. Na segunda parte apresento o resultado da comparação entre as categorias promovidos e reprovados, em seus aspectos significativos.

IV.1. TABELAS DE FREQUÊNCIA

Todas as tabelas se referem aos alunos cujas famílias compareceram e não à população total de alunos da primeira série do primeiro grau da escola estudada.

IV.1.1. DADOS OBTIDOS COM O PRIMEIRO QUESTIONÁRIO

6. DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU POR IDADE

Idade	Frequência	Porcentagem
sem resposta	10	6,6%
07	61	40,4%
08	49	32,5%
09	17	11,3%
10	8	5,3%
11	3	2,0%
12	3	2,0%
total	151	100,0%

A idade dos alunos foi calculada no mês de dezembro de 1990 através da data de nascimento.

Observa-se que é previsto que o aluno ingresse na escola aos sete anos e que nesta população 20,6% estão com nove anos no final do ano letivo.

7. DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU QUANTO AO SEXO

Sexo	Frequência	Porcentagem
Feminino	72	47,7%
Masculino	79	52,3%
Total	151	100,0%

8. DISTRIBUIÇÃO DOS PAIS DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU QUANTO À FAIXA ETÁRIA

Faixa etária	Frequência	Porcentagem
Sem resposta	12	7,9%
menos de 20	1	0,7%
entre 20 e 30	17	11,3%
entre 30 e 40	86	57,0%
mais de 40	35	23,2%
Total	151	100,0%

A maior porcentagem se situa na faixa acima de trinta anos, sendo 57,0% entre trinta e quarenta anos e 23,2 % acima de quarenta anos.

9. DISTRIBUIÇÃO DOS PAIS DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU QUANTO AO ESTADO CIVIL

Estado civil	Frequência	Porcentagem
Sem resposta	10	6,6%
casado	103	68,2%
amigado	20	13,2%
solteiro	5	3,3%
viúvo	1	0,7%
separado	12	7,9%
Total	151	100,0%

Observa-se que a maioria dos pais é casada ou amigada.

10. DISTRIBUIÇÃO DOS PAIS DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU QUANTO AO GRUPO RACIAL

Grupo racial	Frequência	Porcentagem
Sem resposta	11	7,3%
branco	100	66,2%
mulato	30	19,9%
negro	8	5,3%
amarelo	2	1,3%
Total	151	100,0%

11. DISTRIBUIÇÃO DOS PAIS DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU QUANTO À RELIGIÃO

Religião	Frequência	Porcentagem
Sem resposta	11	7,3%
católica	118	78,1%
protestante	6	4,0%
espírita	4	2,6%
outra	12	7,9%
Total	151	100,0%

12. DISTRIBUIÇÃO DOS PAIS DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU QUANTO À PROCEDÊNCIA

Procedência	Frequência	Porcentagem
Sem resposta	14	9,3%
Grande São Paulo	64	42,4%
Interior-zona urbana	18	11,9%
Interior-zona rural	4	2,6%
Outro estado-zona urbana	28	18,5%
Outro estado-zona rural	22	14,6%
Outro país	1	0,7%
Total	151	100,0%

Observa-se uma alta taxa de imigrantes - 33,8% são procedentes de outros estados ou outros países; 17,2% do total vêm de zonas rurais, a maioria de outros estados -14,6% do total.

13. DISTRIBUIÇÃO DOS PAIS DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU QUANTO AO NÍVEL OCUPACIONAL*

Nível ocupacional	Frequência	Porcentagem
Sem resposta	14	9,3%
1	28	18,5%
2	101	66,9%
3	7	4,6%
4	1	0,7%
Total	151	100,0%

*Segundo a Escala da Hierarquia das Profissões, de GUIDI & DUARTE, 1969

A maioria dos pais se situa nos níveis mais baixos da escala de Hierarquia das Profissões, de GUIDI & DUARTE; 66,9% na faixa 2, correspondente a "ocupações de nível inferior de qualificação" e 18,5% na faixa 1- "ocupações não qualificadas". As faixas 3, 4 e 5 correspondem, respectivamente, a ocupações de nível médio, ocupações superiores e ocupações de alta renda. Nenhum dos pais possuía ocupação de alta renda.

14. DISTRIBUIÇÃO DOS PAIS DOS ALUNOS DE PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU QUANTO AO FATO DE ESTAREM OU NÃO EMPREGADOS

Empregado	Frequência	Porcentagem
Sem resposta	18	11,9%
sim	125	82,8%
não	8	5,3%
Total	151	100,0%

15. DISTRIBUIÇÃO DOS PAIS DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU QUANTO AO FATO DE SABEREM OU NÃO LER E ESCREVER

Ler e escrever	Frequência	Porcentagem
Sem resposta	10	6,6%
sim	132	87,4%
não	9	6,0%
Total	151	100,0%

16. DISTRIBUIÇÃO DOS PAIS DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU QUANTO À ESCOLARIDADE

Escolaridade	Frequência	Porcentagem
Sem resposta	12	7,9%
Não completou primário	39	25,8%
Primário completo, não completou ginásio	55	36,4%
Ginásio completo, não completou colégio	32	21,2%
Colégio completo, não completou faculdade	11	7,3%
Completou faculdade	2	1,3%
Total	151	100,0%

Embora 87,4% sejam referidos como sabendo ler e escrever, apenas 66,2% chegaram a completar o curso primário e é interessante observar que pais analfabetos aparecem ao lado de pais com níveis melhores de escolaridade, com colégio completo e até mesmo com curso superior (dois pais).

17. DISTRIBUIÇÃO DAS MÃES DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU QUANTO À FAIXA ETÁRIA

Faixa etária	Frequência	Porcentagem
Sem resposta	3	2,0%
entre 20 e 30	50	33,1%
entre 30 e 40	74	49,0%
mais de 40	24	15,9%

Embora a porcentagem maior de mães também se situe na faixa entre 30 e 40 anos, a maioria delas (82,1%) está com menos de 40 anos, mostrando tendência a serem mais novas que os pais.

18. DISTRIBUIÇÃO DAS MÃES DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU QUANTO AO ESTADO CIVIL

Estado civil	Frequência	Porcentagem
Sem resposta	2	1,3%
casada	99	65,6%
amigada	21	13,9%
solteira	11	7,3%
viúva	6	4,0%
separada	12	7,9%
Total	151	100,0%

Amajoria é casada ou amigada. Há um número ligeiramente maior de mães solteiras em relação a pais solteiros.

19. DISTRIBUIÇÃO DAS MÃES DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU QUANTO AO GRUPO RACIAL

Grupo racial	Frequência	Porcentagem
Sem resposta	6	4,0%
branco	98	64,9%
mulato	37	24,5%
negro	8	5,3%
amarelo	1	0,7%
outro	1	0,7%
Total	151	100,0%

A maioria é da raça branca, seguida pela mulata, acompanhando o observado em relação aos pais.

20. DISTRIBUIÇÃO DAS MÃES DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU QUANTO À RELIGIÃO

Religião	Frequência	Porcentagem
Sem resposta	1	0,7%
católica	122	80,8%
protestante	9	6,0%
espírita	5	3,3%
outra	14	9,3%
Total	151	100,0%

A maioria é de religião católica, seguida pela espírita, acompanhando o observado em relação aos pais.

21. DISTRIBUIÇÃO DAS MÃES DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU QUANTO À PROCEDÊNCIA

Procedência	Frequência	Porcentagem
Sem resposta	8	5,3%
Grande São Paulo	57	37,7%
Interior-zona urbana	20	13,2%
Interior-zona rural	7	4,6%
Outro estado-zona urbana	39	25,8%
Outro estado-zona rural	20	13,2%
Total	151	100,0%

Também entre as mães é alta a taxa de imigrantes , sendo que: 39,0% vêm de outros estados; 17,8% vêm da zona rural (destas, a maioria vem de outros estados - 13,2% do total).

22. DISTRIBUIÇÃO DAS MÃES DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU QUANTO AO NÍVEL OCUPACIONAL*

Nível ocupacional	Frequência	Porcentagem
Sem resposta	89	58,9%
1	26	17,2%
2	32	21,2%
3	4	2,6%
Total	151	100,0%

*Segundo Escala de Hierarquia das Profissões, de GUIDI & DUARTE, 1969. Ver página 49.

As mães que trabalham fora também se distribuem pelos dois níveis mais baixos da Escala de Hierarquia das Profissões. Das 89 que não constam da classificação , 88 são donas de casa (62,8% do total).

23. DISTRIBUIÇÃO DAS MÃES DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU QUANTO AO FATO DE ESTAREM OU NÃO EMPREGADAS

Empregada	Frequência	Porcentagem
Sem resposta	89	58,9%
sim	54	35,8%
não	8	5,2%
Total	151	100,0%

24. DISTRIBUIÇÃO DAS MÃES DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU QUANTO A SABEREM OU NÃO LER E ESCREVER

Ler e escrever	Frequência	Porcentagem
Sem resposta	2	1,3%
sim	141	93,4%
não	8	5,3%
Total	151	100,0%

25. DISTRIBUIÇÃO DAS MÃES DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU QUANTO À ESCOLARIDADE

Escolaridade	Frequência	Porcentagem
Sem resposta	4	2,6%
Não completou primário	32	21,2%
Primário completo, não completou ginásio	57	37,7%
Ginásio completo, não completou colégio	37	24,5%
Colégio completo, não completou faculdade	17	11,3%
Completou faculdade	4	2,6%
Total	151	100,0%

A maioria das mães apresenta primário completo ou mais, situando-se um pouco melhor que os pais (66,2%), e sendo que 93,4% são referidas como sabendo ler e escrever (contra 87,4% dos pais).

26. DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU QUANTO À FAIXA DE RENDA

Faixa de renda	Frequência	Porcentagem
Sem resposta	1	0,7%
Menos de um salário mínimo	2	1,3%
Entre um e dois salários mínimos	10	6,6%
Entre dois e três salários mínimos	20	13,2%
Entre três e quatro salários mínimos	16	10,6%
Mais de quatro salários mínimos	102	67,5%
Total	151	100,0%

Observação: Salário mínimo vigente em maio de 1990 era de Cr\$ 3.674,06.

A faixa de renda onde se situa a maioria das famílias está acima de quatro salários mínimos. Quando se considera a renda familiar per capita a maior porcentagem se situa na faixa inferior a um salário mínimo. 71,5% estão em níveis inferiores a três salários mínimos per capita - ver tabela a seguir.

27. DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU QUANTO À FAIXA DE RENDA PER CAPITA

Faixa de renda	Frequência	Porcentagem
Sem resposta	26	17,2%
menos de um salário mínimo	60	39,7%
entre um e dois salários mínimos	30	19,9%
entre dois e três salários mínimos	18	11,9%
entre três e quatro salários mínimos	6	4,0%
mais de quatro salários mínimos	11	7,3%
Total	151	100,0%

28. DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE
DO PRIMEIRO GRAU QUANTO AO VALOR DA RENDA

Valor da renda em Cr\$	Freqüência	Porcentagem
Sem resposta	25	16,6%
4000,00	1	0,7%
6000,00	2	1,3%
7000,00	2	1,3%
8000,00	5	3,3%
9000,00	2	1,3%
10000,00	9	6,0%
12000,00	8	5,3%
12600,00	1	0,7%
13500,00	1	0,7%
14000,00	1	0,7%
15000,00	14	9,3%
15800,00	1	0,7%
16000,00	1	0,7%
16500,00	1	0,7%
18000,00	3	2,0%
18500,00	1	0,7%
19000,00	1	0,7%
20000,00	12	7,9%
22000,00	3	2,0%
25000,00	12	7,9%
28000,00	1	0,7%
30000,00	9	6,0%
32000,00	1	0,7%
35000,00	3	2,0%
36000,00	2	1,3%
40000,00	5	3,3%
45000,00	3	2,0%
50000,00	6	4,0%
54000,00	1	0,7%
60000,00	5	3,3%
68000,00	1	0,7%
70000,00	1	0,7%
80000,00	2	1,3%
90000,00	1	0,7%
100000,00	2	1,3%
108000,00	2	1,3%
Total	151	100,0%

Observando-se os valores da renda, declarados por cento e uma famílias, vê-se que variam de Cr\$ 4000,00 a Cr\$ 108000,00 (o que corresponde a 29,3 salários mínimos da época). Aqui, como já se observou em relação à escolaridade dos pais e mães, aparece uma grande variação na distribuição da população, embora predominem os níveis mais baixos dos indicadores de situação sócio-econômica.

29. DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU CONFORME O NÚMERO DE PESSOAS QUE RESIDEM NA CASA

Número de pessoas na casa	Frequência	Porcentagem
Sem resposta	8	5,3%
duas	1	0,7%
três	14	9,3%
quatro	40	26,5%
cinco	50	33,1%
seis ou mais	38	25,2%
Total	151	100,0%

30. DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU QUANTO AO NÚMERO DE CÔMODOS DA CASA

Número de cômodos	Frequência	Porcentagem
Sem resposta	2	1,3%
um	27	17,9%
dois	39	25,8%
três	29	19,2%
quatro	23	15,2%
cinco ou mais	31	20,5%
Total	151	100,0%

Apesar da grande maioria morar em residências com quatro ou mais pessoas, 43,7% das famílias moram em casas de um ou dois cômodos apenas.

Observação: Foram considerados "cômodos" apenas salas e quartos.

31. DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU CONFORME A CASA ESTEJA OU NÃO LIGADA À REDE DE ESGOTO

Esgoto	Frequência	Porcentagem
Sem resposta	1	0,7%
sim	149	98,7%
não	1	0,7%
Total	151	100,0%

32. DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU CONFORME A CASA DISPONHA OU NÃO DE ELETRICIDADE

Eletricidade	Frequência	Porcentagem
sim	151	100,0%
não	0	0,0%
Total	151	100,0%

33. DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU CONFORME A CASA DISPONHA OU NÃO DE ÁGUA ENCANADA

Água encanada	Frequência	Porcentagem
sim	151	100,0%
não	0	0,0%
Total	151	100,0%

34. DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU CONFORME COSTUME OU NÃO HAVER LIVROS OU REVISTAS NA CASA

Livros ou revistas	Frequência	Porcentagem
sim	126	83,4%
não	25	16,6%
Total	151	100,0%

35. DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU CONFORME DISPONHAM OU NÃO DE LUGAR PARA ESTUDO NA CASA

Lugar para estudo	Frequência	Porcentagem
sim	135	89,4%
não	16	10,6%
Total	151	100,0%

36. DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU CONFORME DISPONHAM OU NÃO DE LUGAR PARA GUARDAR O MATERIAL DE ESCOLA NA CASA

Lugar para guardar material	Frequência	Porcentagem
sim	136	90,1%
não	15	9,9%
Total	151	100,0%

37. DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU CONFORME DISPONHAM OU NÃO DE MATERIAL PARA RASCUNHO

Material para rascunho	Frequência	Porcentagem
sim	120	79,5%
não	31	20,5%
Total	151	100,0%

38. DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS DOS ALUNOS DE PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU CONFORME HAJA OU NÃO PESSOA CAPAZ DE AJUDAR NA LIÇÃO DE CASA

Ajuda na lição	Frequência	Porcentagem
Sem resposta	3	2,0%
sim	142	94,0%
não	6	4,0%
Total	151	100,0%

39. DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU CONFORME A COMPANHIA QUE TÊM AO FICAR EM CASA

Companhia em casa	Frequência	Porcentagem
ninguém	7	4,6%
irmãos menores	8	5,3%
irmão maior	13	8,6%
adulto responsável	123	81,5%
Total	151	100,0%

40. DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU CONFORME A COMPANHIA QUE TÊM NO QUARTO ONDE DORMEM

Companhia no quarto	Frequência	Porcentagem
Sem resposta	1	0,7%
pais	59	39,1%
outras crianças	52	34,4%
outros adultos	20	13,2%
ninguém	19	12,6%
Total	151	100,0%

41. DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU CONFORME O NÚMERO DE PESSOAS QUE DORMEM EM SUA CAMA

Número de pessoas	Frequência	Porcentagem
sem resposta	5	3,3%
nenhuma	106	70,2%
duas ou mais	40	26,5%
Total	151	100,0%

42. DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU CONFORME O NÚMERO DE IRMÃOS QUE POSSUEM

Número de irmãos	Frequência	Porcentagem
sem resposta	3	2,0%
nenhum	17	11,3%
um	54	35,8%
dois ou mais	77	51,0%
Total	151	100,0%

43. DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU CONFORME A ORDEM DE NASCIMENTO

Ordem de nascimento	Frequência	Porcentagem
sem resposta	13	8,6%
primogênito	55	36,4%
caçula	50	33,1%
intermediário	33	21,9%
Total	151	100,0%

44. DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU CONFORME TENHA HAVIDO OU NÃO MORTE DE ALGUM IRMÃO

Morte de irmão	Frequência	Porcentagem
sim	21	13,9%
não	130	86,1%
Total	151	100,0%

45. DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU CONFORME TENHA HAVIDO OU NÃO MORTE PARENTAL

Morte parental	Frequência	Porcentagem
sem resposta	1	0,7%
sim	9	6,0%
não	141	93,4%
Total	151	100,0%

46. DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU QUE SOFRERAM MORTE PARENTAL CONFORME O SEXO DO GENITOR FALECIDO

Genitor	Frequência	Porcentagem
pai	6	66,6%
mãe	3	33,3%
Total	9	100,0%

47. DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU QUE SOFRERAM MORTE PARENTAL CONFORME A IDADE DA CRIANÇA QUANDO A MORTE OCORREU

Idade	Frequência	Porcentagem
sem resposta	144	95,4%
antes de completar um ano	1	0,7%
após completar um ano	6	4,0%
Total	151	100,0%

48. DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU CONFORME OS PAIS VIVAM JUNTOS OU NÃO

Pais juntos	Frequência	Porcentagem
sim	111	73,5%
não	40	26,5%
Total	151	100,0%

Observação: As respostas negativas incluem os pais viúvos.

49. DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU CUJOS PAIS NÃO VIVEM JUNTOS, CONFORME A COMPANHIA NA QUAL ESTEJAM MORANDO

Companhia	Frequência	Porcentagem
sem resposta	115	76,2%
pai	3	2,0%
mãe	26	17,2%
outro	7	4,6%
Total	151	100,0%

IV.1.2. DISTÚRBIOS PSIQUIÁTRICOS MENORES

Foram considerados prováveis casos de distúrbios psiquiátricos menores as pessoas com oito ou mais respostas afirmativas ao SRQ-20, usando o ponto de corte encontrado no estudo de validação realizado em nosso meio por MARI & WILLIANS (1986).

50. DISTRIBUIÇÃO DOS PAIS E MÃES DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU DE ACORDO COM AS RESPOSTAS AO SRQ-20

SRQ-20	genitores	Pais	Mães	Pais+Mães
+		1 1,7%	37 26,8%	38 19,5%
-		57 98,3%	103 73,2%	160 80,5%
Total		58 100,0%	140 100,0%	198 100,0%

Observa-se que os distúrbios psiquiátricos menores predominam significativamente nas mães.

$$\chi^2 = 16,14$$

$$G.L.=1$$

$$p= 0,0000589$$

IV.1.3. PSICOSES

Os autores (HARDING et al., 1980) recomendam considerar como prováveis casos de psicose aqueles que responderem afirmativamente a uma ou mais questões entre as de nº21,22, 23 e 24 do SRQ. Isso nos levaria ao resultado constante da tabela a seguir.

51. DISTRIBUIÇÃO DOS PAIS E MÃES DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU DE ACORDO COM AS RESPOSTAS AO SRQ-24

SRQ-24	genitores	Pais	Mães	Pais+Mães
+		34 58,6%	70 50,0%	104 52,5%
-		24 41,4%	70 50,0%	94 47,5%
Total		58 100,0%	140 100,0%	198 100,0%

IV.1.4. ALCOOLISMO

Foram considerados prováveis casos de alcoolismo os que responderam afirmativamente a duas ou mais perguntas do CAGE conforme recomendam os autores (ERWING & ROUSE, 1970) e MASUR et al. (1985) que o utilizaram em nosso meio.

52. DISTRIBUIÇÃO DOS PAIS E MÃES DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU DE ACORDO COM AS RESPOSTAS AO CAGE

CAGE	genitores	Pais	Mães	Pais+Mães
+		6 10,5%	1 0,7%	7 3,6%
-		52 89,5%	139 99,3%	191 96,4%
Total		58 100,0%	140 100,0%	198 100,0%

Observa-se que o alcoolismo predomina significativamente nos pais.

$$\chi^2 = 11,15$$

$$G.L. = 1$$

$$p = 0,0008390$$

$$T. Fisher - p = 0,0028062$$

IV.1.5. APROVEITAMENTO

Os dados apresentados a seguir foram fornecidos pela escola no final do ano letivo de 1990. Ver tabelas nas páginas seguintes.

53. DISTRIBUIÇÃO DO TOTAL DE ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU, DE ACORDO COM O APROVEITAMENTO

Aproveitamento	Frequência	Porcentagem
promovido	175	76,1%
reprovado	46	20,0%
desistente	4	1,7%
transferido	5	2,2%
Total	230	100,0%

54. DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU CUJAS FAMÍLIAS COMPARECERAM PARA ENTREVISTA, DE ACORDO COM O APROVEITAMENTO

Aproveitamento	Frequência	Porcentagem
promovido	120	79,5%
reprovado	27	17,9%
desistente	2	1,3%
transferido	2	1,3%
Total	151	100,0%

55. DISTRIBUIÇÃO DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU CUJAS FAMÍLIAS NÃO COMPARECERAM, DE ACORDO COM O APROVEITAMENTO

Aproveitamento	Frequência	Porcentagem
promovido	55	69,6%
reprovado	19	24,0%
desistente	2	2,5%
transferido	3	3,8%
Total	79	100,0%

Observando-se uma frequência maior de promovidos em relação a reprovados no grupo cujas famílias compareceram, submeteu-se essas frequências ao teste do qui-quadrado, que não apontou diferenças significativas.

IV.2. FATORES FAMILIARES E APROVEITAMENTO

IV.2.1. ASSOCIAÇÕES SIGNIFICATIVAS

Foram identificadas diferenças significativas na incidência de reprovação em relação às variáveis que são apresentadas nas páginas seguintes ($p \leq 0,05$).

56. RELAÇÃO ENTRE O APROVEITAMENTO DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU E O FATO DOS PAIS SABEREM OU NÃO LER E ESCREVER

Aproveitamento	Ler e escrever					
	sim	não	total			
promovido	108	96,4%	4	3,6%	112	100,0%
reprovado	20	80,0%	5	20,0%	25	100,0%
Total	128	93,4%	9	6,6%	137	100,0%

$$\chi^2 = 8,99$$

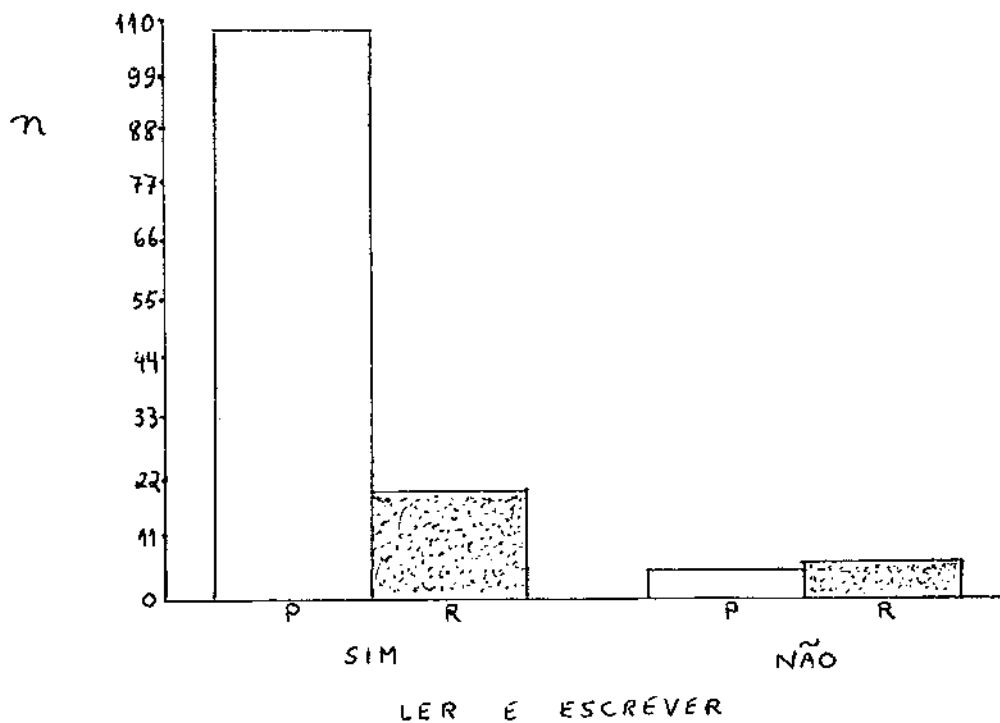
G.L.=1

p=0,00271873

T. Fisher - p=0,0104250

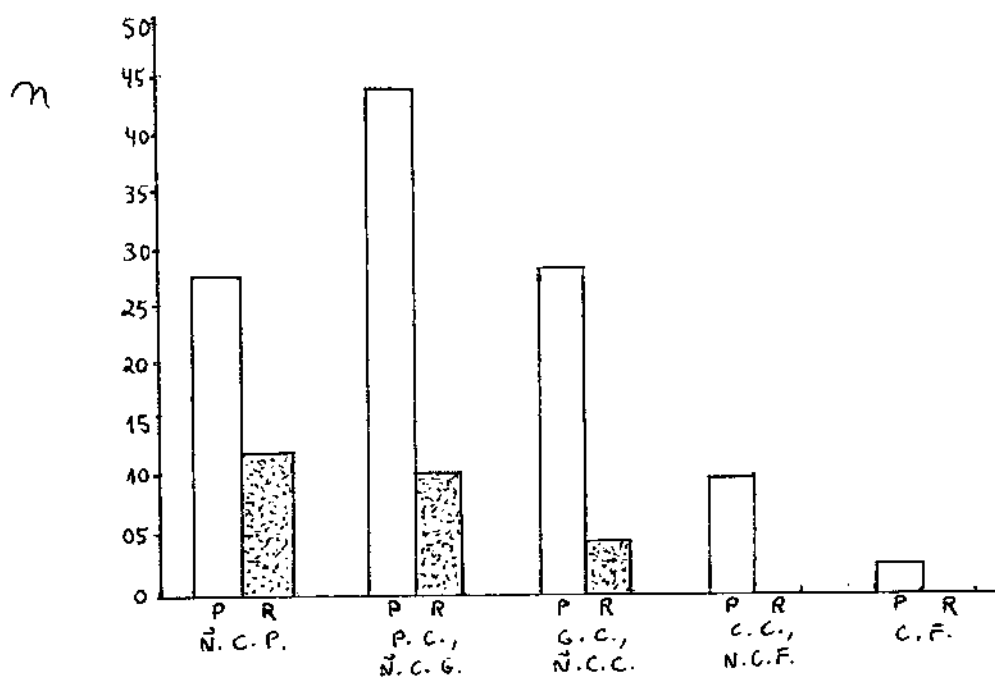
Odds Ratio=6,75

Limite de confiança de 95% para Odds Ratio: 1,39 OR 33,96



57. RELAÇÃO ENTRE APROVEITAMENTO DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU E ESCOLARIDADE DOS PAIS

Escolaridade \ Aproveitamento	promovido		reprovado		total
Não completou primário	27	24,5%	12	48,0%	39
Primário completo, não completou ginásio	43	39,1%	10	40,0%	53
Ginásio completo, não completou colégio	28	25,5%	3	12,0%	31
Colégio completo, não completou faculdade	10	9,0%	0	0,0%	10
Completou faculdade	2	1,8%	0	0,0%	2
Total	110	100,0%	25	100,0%	135



Considerando as observações de GUIDI & DUARTE (1969) de que "uma escolarização menor que quatro anos , como a UNESCO tem salientado, é um esforço praticamente perdido em termos de aproveitamento" e que "as diferenças existentes entre o analfabeto e o desertor escolar que teve menos de quatro anos de instrução formal são menores que as verificadas entre este último e o que atinge ou ultrapassa aquele índice mínimo de escolaridade rentável", definimos um corte entre "não completou primário" e os outros níveis de maior escolaridade. Obtivemos assim que os primeiros apresentaram maior freqüência de filhos reprovados.

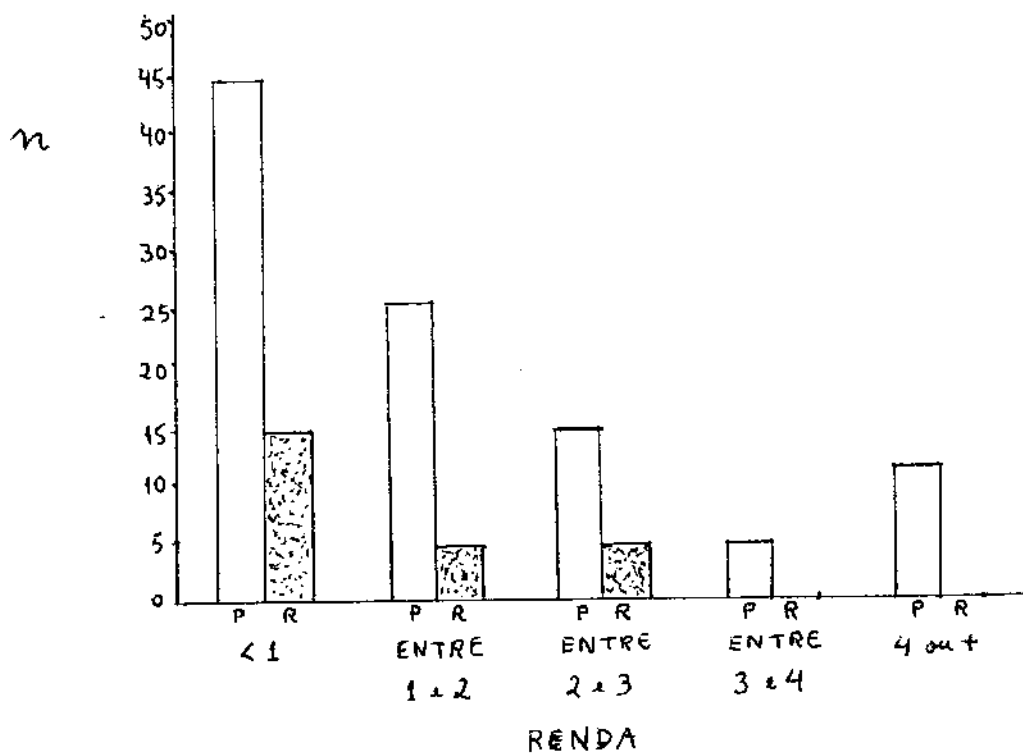
$$\chi^2 = 5,45$$

$$G.L.=1$$

$$p=0,0195138$$

58. RELAÇÃO ENTRE O APROVEITAMENTO DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU E RENDA FAMILIAR PER CAPITA

Renda per capita	Aproveitamento Promovido		Reprovado		Total
dados insuficientes	21	17,5%	5	18,5%	26
menos de um salário mínimo	44	36,7%	14	51,9%	58
entre um e dois s. mín.	25	20,8%	4	14,8%	29
entre dois e três s. mín.	14	11,7%	4	14,8%	18
entre três e quatro s. mín.	5	4,2%	0	0,0%	5
quatro salários mínimos ou +	11	9,2%	0	0,0%	11
Total	120	100,0%	27	100,0%	147



Devido aos baixos valores esperados para algumas case las, reagrupei-as contrapondo as que correspondem aos níveis inferiores a três salários mínimos às correspondentes aos ní veis de maior valor, onde não houve reprovações.

$\chi^2 = 4,10$ G.L.=1
p=0,0429504
T. Fisher - p=0,0316013

Dos 27 reprovados, 22 pertencem a famílias com renda per capita inferior a dois salários mínimos (81,1 %), sendo 14 destes com renda per capita inferior a um salário mínimo (51,8 % do total de reprovados). Dos promovidos, 36,6% estão na faixa inferior a um salário mínimo. 57,5% na inferior a dois salários mínimos. Observação: Para obter esses índices foram analisados inclusive as respostas constantes na tabela como "dados insuficientes", na medida em que na maioria deles foi possível definir que se situavam abaixo de dois salá rios mínimos, sem se poder precisar se estavam abaixo de um mínimo ou entre um e dois.

59. RELAÇÃO ENTRE O APROVEITAMENTO DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU E O NÚMERO DE PESSOAS QUE RESIDEM NA CASA

Número de pessoas	Aproveitamento		Promovido		Reprovado		Total
	P	R					
duas			1	0,8%	0	0,0%	1
três			10	8,8%	4	15,4%	14
quatro			37	32,7%	1	3,8%	38
cinco			39	34,5%	9	34,6%	48
seis ou +			26	23,0 ³	12	46,2%	38
Total			113	100,0%	26	100,0%	139

$$\chi^2 = 11,72$$

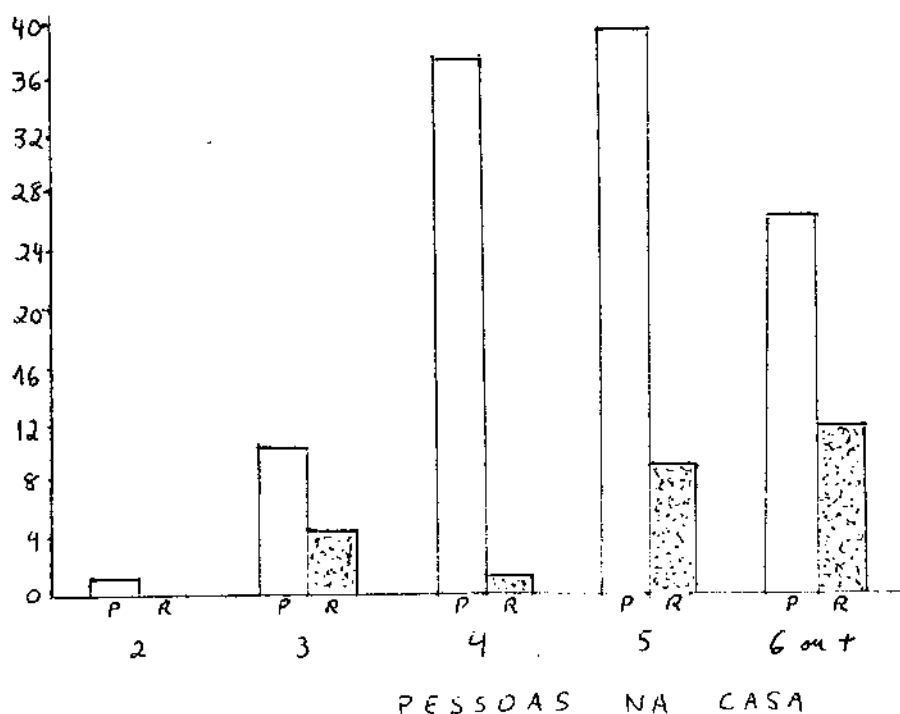
G.L.=4

p=0,01952306

Procurando mais precisão (na medida em que há um número pequeno de reprovados nos três primeiros níveis) estabeleci comparação estatística entre os três primeiros níveis e o quarto e o quinto, obtendo: $\chi^2 = 7,14$

G.L.=2

p=0,02818957



60. RELAÇÃO ENTRE O APROVEITAMENTO DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU E O NÚMERO DE CÔMODOS DA CASA

Cômodos	Aproveitamento	Promovido	Reprovado	Total
um		23 19,3%	4 15,4%	27
dois		25 21,0%	13 50,0%	38
três		24 20,2%	4 15,4%	28
quatro		19 16,0%	3 11,5%	22
cinco ou mais		28 23,5%	2 7,7%	30
Total		119 100,0%	26 100,0%	145

$$\chi^2 = 10,14$$

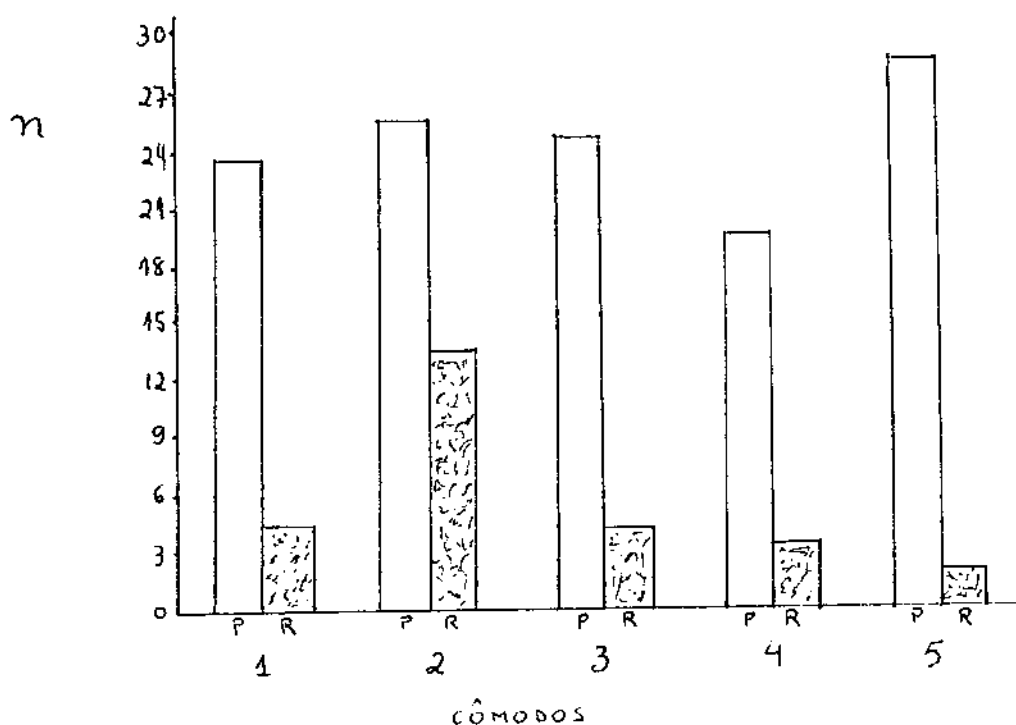
$$G.L. = 4$$

$$p = 0,03818180$$

Considerando como mais marcante a diferença qualitativa entre habitações com um ou dois cômodos em relação a habitações maiores, agrupei os dois primeiros níveis e comparei com os outros agrupados: $\chi^2 = 5,41$

$$G.L. = 1$$

$$p = 0,0199859$$



61. RELAÇÃO ENTRE O APROVEITAMENTO DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU E A COMPANHIA QUE TÊM AO FICAR EM CASA

Companhia \ Aproveitamento	Promovido	Reprovado	Total
ninguém	4 3,3%	2 7,4%	6
irmãos menores	7 5,8%	1 3,7%	8
irmão maior	7 5,8%	6 22,2%	13
adulto responsável	102 85,0%	18 66,7%	120
Total	120 100,0%	27 100,0%	147

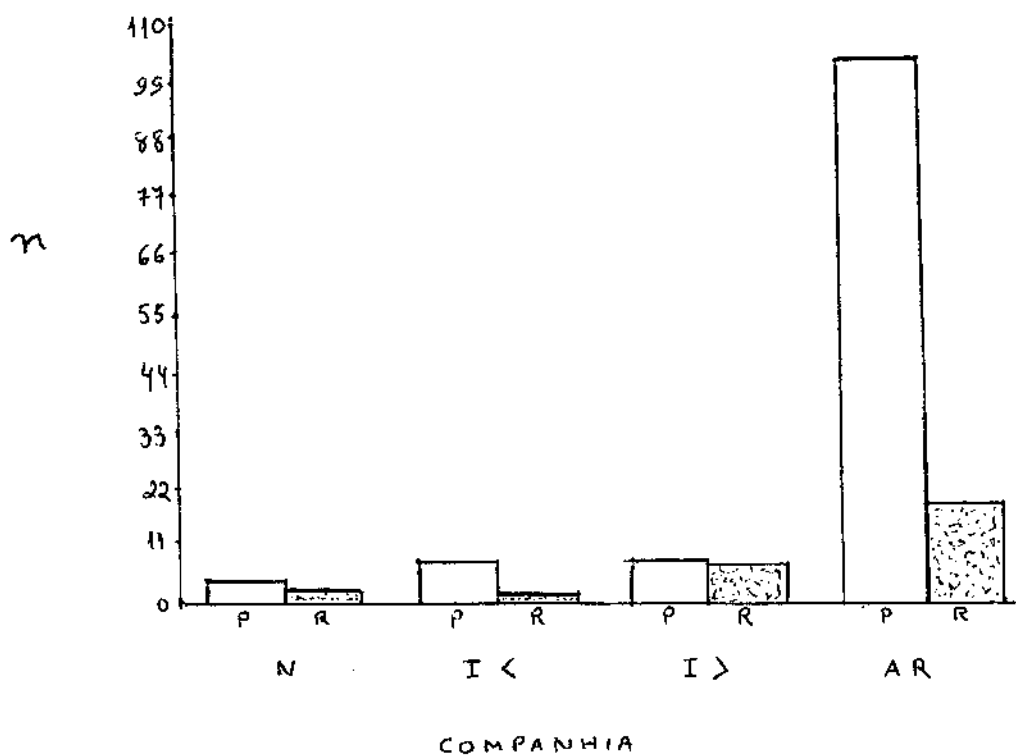
$\chi^2 = 8,68$ G.L.=3 p=0,0199859

Procurei estabelecer comparação entre os alunos que ficam sozinhos ou com irmãos e aqueles que têm a companhia de um adulto responsável: $\chi^2 = 4,94$

G.L.=1

p=0,0262294

T.Fisher - p=0,0303550



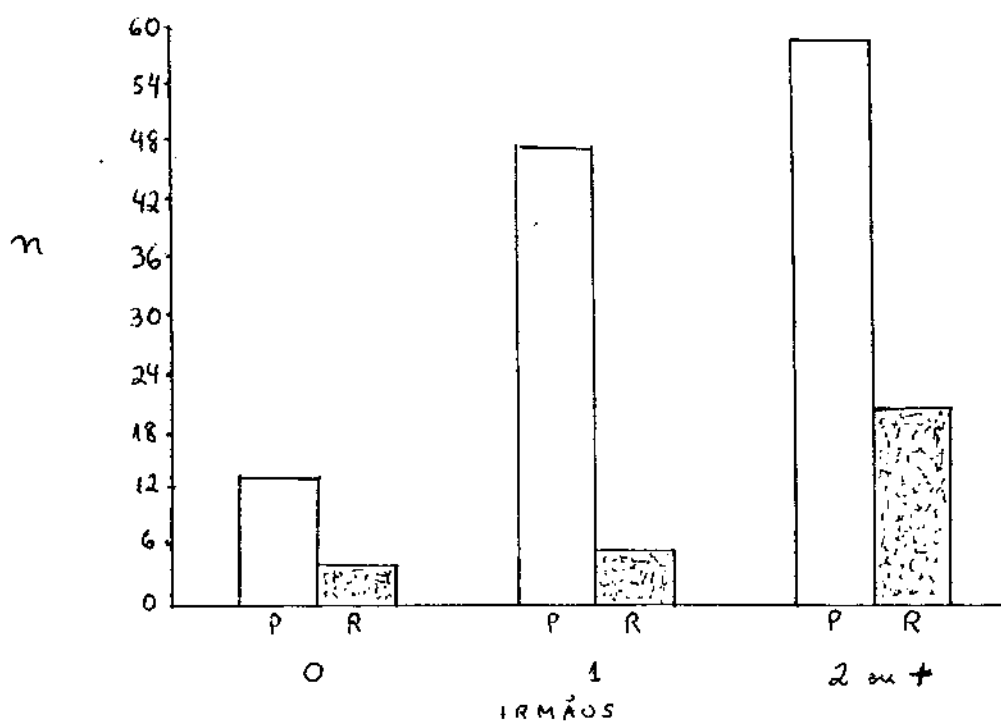
62. RELAÇÃO ENTRE O APROVEITAMENTO DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU E O NÚMERO DE IRMÃOS

Irmãos \ Aproveitamento	Promovido	Reprovado	Total
nenhum	13 11,0%	3 11,5%	16
um	47 39,8%	4 15,4%	51
dois ou mais	58 49,2%	19 73,0%	77
Total	118 100,0%	26 100,0%	144

Na medida em que há um número pequeno de reprovados entre alunos com apenas um irmão ou nenhum, comparei os grupos correspondentes com o de dois ou mais, onde está a maior frequência de reprovação: $\chi^2 = 4,90$

G.L.=1

p=0,0268325



63. RELAÇÃO ENTRE O APROVEITAMENTO DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU E RESPOSTA AFIRMATIVA À PERGUNTA: "SENTE SE NERVOSO, TENSO OU PREOCUPADO?"

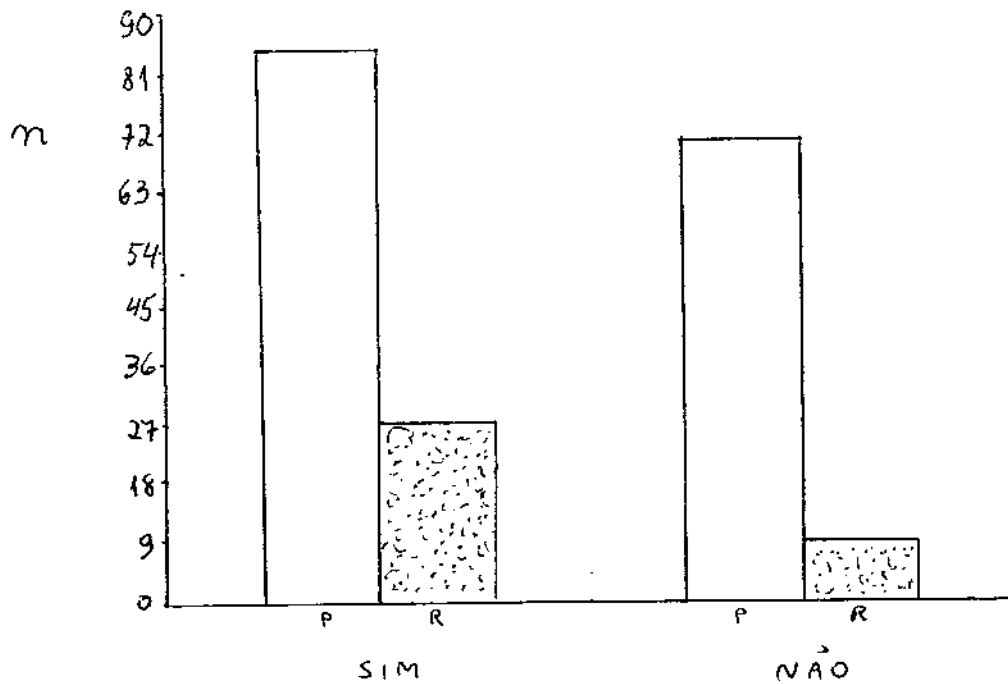
Resposta \ Aproveitamento	Promovido	Reprovado	Total
sim	85 54,5%	27 77,1%	112
não	71 45,5%	8 22,9%	79
Total	156 100,0%	35 100,0%	191

$$\chi^2 = 6,05$$

G.L.=1

p=0,01390853

Esta foi a pergunta do SRQ-20 com mais respostas afirmativas - 59,2% - contra 40,8% de respostas negativas.



IV.2.2. OBSERVAÇÕES REFERENTES A FATORES FAMILIARES E APROVEITAMENTO

A- O valor absoluto da renda familiar não foi declarado por todos, tendo alguns assinalado diretamente a classe à qual pertencia a renda. Utilizando os cento e vinte e três valores declarados, calculou-se para os promovidos uma média de Cr\$29.852,40 (8,1 salários mínimos) e, para os reprovados, média de Cr\$20.581,80 (5,6 salários mínimos), com desvio padrão para os promovidos de Cr\$23.907,59 e para os reprovados de Cr\$9.388,93. O teste de Kruskal-Wallis apontou um H (equivalente ao qui-quadrado) =1,183 e $p=0,276672$ (não significativo).

Observei que todos os reprovados pertenciam a famílias com renda mensal per capita igual ou inferior a 12,2 salários mínimos. Acima desse valor todos foram promovidos. Ver tabela na página seguinte.

64. RELAÇÃO ENTRE O APROVEITAMENTO DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU E O VALOR DA RENDA FAMILIAR

Renda em Cr\$	Aproveitamento	Promovido	Reprovado	Total
0,00		1	0	1
4000,00		1	0	1
6000,00		2	0	2
7000,00		2	0	2
8000,00		3	2	5
9000,00		1	1	2
10000,00		8	1	9
12000,00		6	1	7
12600,00		1	0	1
13500,00		1	0	1
14000,00		1	0	1
15000,00		9	3	12
15800,00		0	1	1
16000,00		1	0	1
16500,00		1	0	1
18000,00		3	0	3
18500,00		1	0	1
19000,00		1	0	1
20000,00		8	4	12
22000,00		2	1	3
25000,00		9	3	12
28000,00		0	1	1
30000,00		7	2	9
32000,00		1	0	1
35000,00		2	1	3
36000,00		2	0	2
40000,00		5	0	5
45000,00		2	1	3
50000,00		6	0	6
54000,00		1	0	1
60000,00		4	0	4
68000,00		1	0	1
70000,00		1	0	1
80000,00		2	0	2
90000,00		1	0	1
100000,00		2	0	2
108000,00		2	0	2
Total		101	22	123

B- Embora não haja diferenças estatisticamente significativas entre pais com diversos níveis de ocupação, observou-se que nos níveis 3 e 4 não apareceram filhos reprovados.

65. RELAÇÃO ENTRE O APROVEITAMENTO DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU E O NÍVEL OCUPACIONAL DOS PAIS*

N. ocupacional	Aproveitamento		Reprovado		Total
	Promovido	%		%	
1	24	22,2%	4	16,0%	28
2	76	70,4%	21	84,0%	97
3	7	6,5%	0	0,0%	7
4	1	0,9%	0	0,0%	1
Total	108	100,0%	25	100,0%	133

*Conforme Escala de Hierarquia das Profissões, de GUIDI & DUARTE (1969). Ver página 49.

C- Em relação à escolaridade das mães observou-se que a maior frequência (40,5%) das que tiveram filhos promovidos estão no nível correspondente a "primário completo, não completou ginásio" e a maior frequência das que tiveram filhos reprovados estão no nível correspondente a "ginásio completo não completou colégio" (Ver tabela na página a seguir).

66. RELAÇÃO ENTRE O APROVEITAMENTO DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU E ESCOLARIDADE DAS MÃES

Escolaridade	Aproveitamento	Promovido	Reprovado	total	
não completou primário	25	21,6%	7	25,9%	32
primário completo, não completou ginásio	47	40,5%	7	25,9%	54
ginásio completo, não completou colégio	27	23,3%	9	33,3%	36
colégio completo, não completou faculdade	14	12,0%	3	11,1%	17
completou faculdade	3	2,6%	1	3,7%	4
Total	116	100,0%	27	100,0%	143

D- Foi verificada associação significativa entre escolaridade dos pais e renda familiar per capita, acompanhando os pontos de corte definidos anteriormente.

67. RELAÇÃO ENTRE ESCOLARIDADE DOS PAIS DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU E A RENDA FAMILIAR PER CAPITA

Escolaridade	Renda	< 3 sal.mín.	3 sal.mín. ou +	total
Primário incompleto	38	1	39	
Primário completo ou +	85	15	100	
Total	123	16	139	

$$\chi^2 = 4,26$$

$$G.L.=1$$

$$p=0,0390202$$

$$T. Fisher - p=0,0296694$$

E- Não foram encontradas diferenças significativas entre promovidos e reprovados em relação a possíveis casos de distúrbios psiquiátricos menores e de alcoolismo, conforme apontados pelos critérios referidos anteriormente. Submeti o número de respostas afirmativas ao SRQ de familiares de promovidos e reprovados a análise de variância e também aí não se encontrou diferença significativa. As mães se distribuíram da seguinte maneira em relação ao SRQ-20:

68. RELAÇÃO ENTRE O APROVEITAMENTO DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU E MÃES SRQ + :

SRQ-20 \ Aproveitamento	Promovido	Reprovado	Total
-	81 74,3%	20 77,0%	101
+	28 25,7%	6 23,0%	34
Total	109 100,0%	26 100,0%	135

Também aí não se encontrou diferença significativa.

O número de respostas afirmativas do CAGE dos familiares de promovidos e reprovados foi submetido a comparação pelo teste de Kruskal-Wallis e também aí não se encontrou diferença significativa. Análise à parte foi feita para os pais, resultando na tabela apresentada na página a seguir. O número pequeno de pais CAGE+ não permitiu a realização de provas estatísticas válidas.

69. RELAÇÃO ENTRE O APROVEITAMENTO DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU E PAIS CAGE+

CAGE \ Aproveitamento	Promovido	Reprovado	Total
-	42 91,3%	10 83,3%	52
+	4 8,7%	2 16,7%	6
Total	46 100,0%	12 100,0%	58

IV.3. OUTRAS RELAÇÕES RELEVANTES

70. RELAÇÃO ENTRE FAIXA ETÁRIA DAS MÃES DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU E SRQ-20+

Faixa etária \ SRQ-20	-	+	Total
entre 20 e 30 anos	32 74,4%	11 25,6%	43 100,0%
entre 30 e 40 anos	50 69,4%	22 30,6%	72 100,0%
mais de 40 anos	19 86,3%	3 13,7%	22 100,0%
Total	101	36	137

71. RELAÇÃO ENTRE FAIXA ETÁRIA DOS PAIS DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU E CAGE+

Faixa etária \ CAGE	-	+	Total
entre 20 e 30 anos	4 100,0%	0 0,0%	4 100,0%
entre 30 e 40 anos	37 86,0%	6 14,0%	43 100,0%
mais de 40 anos	10 100,0%	0 0,0%	10 100,0%
Total	51	6	57

Todos os pais CAGE+ estão na faixa entre 30 e 40 anos

72. RELAÇÃO ENTRE SRQ-20+ NAS MÃES DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU E RENDA FAMILIAR PER CAPITA

SRQ-20 \ Renda	3 sal.mín.	3 sal.mín. ou +	Total
-	105 75,6%	24 92,3%	129
+	34 24,4%	2 7,7%	36
Total	139 100,0%	26 100,0%	165

$\chi^2 = 3,610$

G.L.=1

p=0,0574

T. Fisher - p=0,0423

73. RELAÇÃO ENTRE CAGE+ NOS PAIS DOS ALUNOS DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMEIRO GRAU E RENDA FAMILIAR PER CAPITA

CAGE \ Renda	3 sal.mín.	3 sal.mín. ou +	Total
-	133 95,7%	26 100,0%	159
+	6 4,3%	0 0,0%	6
Total	139 100,0%	26 100,0%	165

Embora os seis pais CAGE+ estejam entre os de menor renda familiar per capita, esse número reduzido não permite afirmar, com base em provas estatísticas, que existe uma diferença significativa.

V. DISCUSSÃO

Inicialmente é importante sublinhar que o não comparecimento de 79 famílias das 230 convocadas representa uma perda de 34,3% da população estudada, o que pode trazer alguns vieses a esta pesquisa. Compareceram apenas 68,6% dos promovidos e 58,7% dos reprovados. A tendência a maior frequência de reprovados entre os que não compareceram (24,0% contra os 17,8% entre os que compareceram) vem reforçar esta opinião (ver tabelas 53, 54 e 55). Pode-se supor que os fatores familiares relacionados à promoção e à reprovação estejam se distribuindo de maneira diferente entre esses dois grupos, mas só podemos estudar como se comportam no grupo que compareceu. É de se esperar que entre os ausentes estejam as famílias de menor investimento na atividade escolar ou que não têm condições materiais devido a situação sócio-econômica precária e outros tipos de dificuldades. Ademais, o número pequeno de reprovados que se pode avaliar, 27, acaba impossibilitando a comparação onde se pretendeu dividir em vários níveis as respostas. No caso da avaliação do CAGE dos pais, quando apenas 12 pais de reprovados compareceram, a comparação também não pode ser feita com margem de confiabilidade.

O fato da grande predominância de mães em relação ao número de pais não parece apresentar significado em relação aos fatores estudados e acompanha o que é freqüente em nosso meio, o fato de que as esposas costumam se responsabilizar pelo trabalho doméstico (62,8% das mães estudadas) e tomam para si os cuidados de educação e saúde dos filhos.

V.1. CARACTERÍSTICAS DA POPULAÇÃO ESTUDADA

O fato de 62,8% das mães serem donas de casa torna a ocupação das mães um mau parâmetro para se avaliar a situação sócio-econômica, indo de encontro às observações feitas por GUIDI & DUARTE (1969). Eles afirmam que o fato da mulher não trabalhar fora "ocorre com freqüência tanto na classe social mais elevada quanto na classe mais baixa. Não trabalhar pode assim significar, para a mulher, tanto uma situação sócio-econômica privilegiada como uma condição subalterna, de reclusão doméstica, onde os padrões de existência ainda desfavorecem a incorporação feminina ao mercado de mão-de-obra!"

Em relação às perguntas de número 27 a 31 do primeiro questionário, os resultados obtidos foram diferentes das expectativas. Recordando, as perguntas eram:

"Costumam ter livros ou revistas?"

"A criança tem lugar para estudar?"

"Há lugar para guardar o material de escola?"

"A criança tem material para rascunho?"

"Alguém na casa pode ajudar nas lições?"

Observei tendência a menor freqüência de respostas do tipo afirmativo em relação aos fatores onde maiores gastos são exigidos (possuir livros ou revistas e material para rascunho), o que era esperado; no entanto, baseando-me nos dados levantados quanto à situação sócio-econômica dos pais, esperava um número maior de respostas negativas do que o que foi obtido. A grande proporção de famílias que residem em casas com um ou dois cômodos leva a perguntar até que ponto os lugares para estudo são adequados. Não encontrei diferenças estatisticamente significativas entre a proporção de respostas afirmativas a essas perguntas entre as categorias de promovidos e reprovados. Na verdade, a proporção de respostas afirmativas é ligeiramente maior entre os reprovados quanto aos fatores: possuir livros ou revistas, ter lugar para o material de escola, ter material de rascunho e alguém que pode

ajudar nas lições. A importância do acesso a livros ou revistas, ajuda nas lições e ambiente físico adequado é apontada por diversos autores: SAMUELS, 1986; FREEBERG & PAYNE, 1969 ; WEISS, 1987. Partindo-se da perspectiva de que as respostas a analisar são confiáveis, o que se pode pensar é que as respostas afirmativas cobrem uma variedade muito grande de situações; por exemplo, a quantidade de livros ou revistas pode diferir muito, a qualidade do local para estudo na casa, a real disponibilidade e capacitação da pessoa que "pode" ajudar o aluno na lição de casa também. FREEBERG & PAYNE (1969) falam em facilidades físicas disponíveis para a criança em relação ao desenvolvimento cognitivo e incluem aí livros e brinquedos educativos mas não procuram quantificar essas facilidades em função dessa relação, assim como WEISS (1987). Já SAMUELS (1986) se refere a estudos da década de 70, onde se relaciona o número de livros presente na casa com o desempenho escolar. A qualidade da ajuda nas lições é mostrada em sua importância por esses autores na medida em que é referida como um prestar informações à criança, estimulá-la, em ambientes onde esses conhecimentos são valorizados. Também FERREIRO (1985) fala da procura ativa de aprendizado da criança fazendo perguntas aos mais velhos, familiares ou conhecidos. É interessante ver como FREEBERG & PAYNE (1969) procuram relacionar em seu artigo o uso das facilidades físicas à relação dos pais com a criança: ler livros para os filhos, jogar jogos educativos com eles, dispor-se a ensiná-los, a deixar de lado ocupações para responder às perguntas dos filhos. Parece que há toda uma gama de disponibilidades e de capacidades para se pensar em "ajuda na lição".

A pergunta: "Com quem o aluno fica quando está em casa?" obteve 81,8% de respostas: "com adulto responsável" e 8,6% "com irmãos maiores". Supondo que dificilmente todos esses irmãos maiores tenham condições de assumir responsabilidade pelo auxílio no estudo, esse dado parece destoar daque-

le que mostra 94,0% declarando que a criança tem alguém que pode ajudar nas lições; é bastante provável que o adulto que convive durante o dia com o aluno pode acompanhá-lo num horário em que ainda não está cansado e que tenha mais disponibilidade de ajudá-lo enquanto executa suas tarefas domésticas, em comparação com o adulto que chega à noite cansado após um dia de trabalho fora. FREEBERG & PAYNE(1969), em sua pesquisa, fazem o levantamento entre as mães procurando verificar se trabalham fora, se esse trabalho é de meio período ou período integral, procurando medir a disponibilidade concreta dessas mães para acompanhar os filhos.

Chama a atenção a porcentagem de 13,9% de respostas afirmativas (21 alunos) à pergunta sobre morte de algum irmão. Pode-se considerar uma porcentagem bastante alta, levando-se em conta a possível idade desses irmãos, com base na faixa etária dos alunos. Não é de se surpreender, lembrando-se de que boa parte da população vem de famílias de baixo poder aquisitivo, com todas as dificuldades que favorecem mortalidade infantil, e que parte provem da Vila Brasilândia, onde é muito alto o índice de homicídios (SEADE,1989) que vão atingir predominantemente adultos jovens e adolescentes.

DISTÚRBIOS PSICÓTICOS (tabela 51)

O setor para psicoses do SRQ (perguntas 21 a 24) se mostrou inadequado em seu uso junto a essa população. As frequências encontradas (58,6% SRQ-24+ entre os pais, 50,0% entre as mães), claramente incompatíveis com as características da população estudada e de longe mais alta que a encontrada em qualquer pesquisa conhecida, vem apontar para a impropriedade do uso da tradução dessa parte do questionário para essa população. Durante a aplicação a enorme quantidade de dúvidas e os comentários evidenciaram a interpretação diferente da esperada para essas questões. Essa observação vem

ratificar a de IACOPONI (1987) que relatou um estudo utilizando o SRQ-24 em unidades básicas de saúde na zona norte de São Paulo, encontrando 27,10% de "possíveis casos". Ele comenta sua impressão de que na questão 24 ("Ouve vozes que não sabe donde vêm ou que outras pessoas não podem ouvir?") alucinações foram confundidas com simples ilusões e de que na questão 21 ("Sente que tem alguém que, de alguma maneira, quer lhe fazer mal?") as pessoas responderam afirmativamente pensando na inveja e no desejar mal a alguém, o que seria para ele "um fenômeno cultural do Brasil." Eu acrescentaria, em relação à pergunta 23 ("Tem notado alguma interferência ou outro problema estranho com seu pensamento?"), que as pessoas pareciam entender "dificuldade de concentração"; quanto à questão 22 ("Você é alguém muito mais importante do que a maioria das pessoas pensa?"), com 36,9% de respostas afirmativas, foi interessante observar que muitos dialogavam em voz alta consigo mesmos, argumentavam e respondiam afirmativamente, sendo o começo da argumentação alguma expressão do sentimento de ter pouco valor. Contudo, foi também possível observar que um pai, referido pelo avô de uma aluna como esquizofrênico, veio mais tarde para responder ao questionário de saúde mental e respondeu afirmativamente às quatro questões - foi o único a fazer isso. A filha foi promovida.

Cabe lembrar que as perguntas para psicose foram incluídas e validadas em estudos levados a efeito em outros países em desenvolvimento (HARDING et al., 1980; HARDING et al., 1983).

DISTÚRBIOS PSIQUIÁTRICOS MENORES (tabela 50)

A diferente distribuição por sexo dos distúrbios psiquiátricos menores e do alcoolismo, encontrada neste estudo, já foi relatada por diversos autores como MORGADO & COUTINHO 1985; MARI, 1987; FERNANDES, 1989. MORGADO & COUTINHO colocam

a possibilidade de que essa diferença possa ser um artefato de pesquisa: "Por exemplo, o que se manifesta na mulher como neurose ficaria encoberto no homem sob a fachada de consumo de álcool e outras drogas e comportamentos desviantes." MARI observou que as mulheres eram significativamente mais atingidas e que a menor renda familiar per capita e más condições de moradia estavam significativamente associadas à maior frequência de distúrbios psiquiátricos menores nas mulheres. Ele questiona se o tamanho da amostra impediu que aparecesse essa associação no caso dos homens ou se o fato da mulher permanecer em casa a faria mais suscetível.

A prevalência de possíveis casos de distúrbios psiquiátricos menores é menor do que a referida por alguns estudos anteriores realizados em nosso meio. MARI(1987) encontrou 63% de SRQ-20+ em um posto de saúde da Vila Brasilândia, subdistrito próximo à escola estudada e uma das regiões mais pobres de São Paulo; na mesma ocasião, encontrava frequências significativamente menores, com o mesmo instrumento, no Centro de Saúde da Barra Funda e no Hospital do Servidor Público Estadual. Como já foi observado quando se descreveu a região, a escola recebe alunos de famílias provenientes de subdistritos bastante diferentes em relação à situação sócio-econômica de seus habitantes; Vila Brasilândia seria apenas um deles, com certeza o mais desfavorecido. É de se supor, também, que a população presumivelmente doente que acorre para os centros de saúde seja qualitativamente diferente, quanto à saúde, da população de famílias de alunos do primeiro ano. Convém ainda lembrar que a proporção homens-mulheres de sua amostra (1:6,7) é diferente da que obtive (1:2,4). Na medida em que os distúrbios psiquiátricos menores costumam ser mais freqüentes nas mulheres, isso também contribuiria para a maior prevalência encontrada em seu estudo. Observação: nos locais onde encontrou maior prevalência, além das condições sócio-econômicas, também a proporção homens-mulheres era di-

ferente - 1:4,3 no Hospital do Servidor e 1:2,7 no Centro de Saúde da Barra Funda.

IACOPONI(1987) encontrou 34,9% de SRQ-20+ em estudo realizado com clientes de quatro diferentes centros de saúde da zona norte do município, o que lhe proporcionou uma amostra mais heterogênea quanto à situação sócio-econômica, aspecto em que se aproxima mais à população desta pesquisa; também ele interrogou proporção maior de mulheres em relação a homens do que nesta pesquisa (1:4,7).

FERNANDES (1989), que estudou a população de funcionários de um hospital geral do município de São Paulo, já encontrou uma proporção menor: 20,8% de SRQ-20+. Ela é a única a referir frequências específicas de algumas respostas afirmativas ao SRQ e achei interessante relatá-las aqui, comparando com as respostas a este estudo:

	Hospital	Pais
"Sente-se nervoso, tenso ou preocupado?"	52,2%	59,2%
"Sente-se triste ultimamente?"	33,9%	35,0%
"Dores de cabeça freqüentes?"	28,7%	28,8%
"Dorme mal?"	26,3%	21,8%
"Sensações desagradáveis no estômago?"	25,6%	20,5%
"Dificuldade de realizar satisfatoriamente as atividades diárias?"	23,4%	22,3%
"Má digestão?"	23,3%	19,0%
"Dificuldade em tomar decisões?"	22,9%	28,7%
"Falta de apetite?"	18,3%	15,2%

É interessante observar que, enquanto os resultados são bastante aproximados na maioria das questões e as porcentagens são inferiores no presente estudo em várias das perguntas, a diferença chega a sete pontos percentuais a mais para este estudo na pergunta: "Você se sente nervoso, tenso ou preocupado?" Essa pergunta foi a que mais respostas afirmativas apresentou nesta pesquisa, seguida de: "Tem se sentido triste ultimamente?"

Os resultados quanto aos distúrbios psiquiátricos menores encontrados entre os pais dos (19,5%) aproxima-se dos relatados por FERNANDES (1989) e por SANTANA, conforme referência de MORGADO & COUTINHO (1985); em inquérito epidemiológico realizado em Salvador, BA, encontrou 14,6% de neuroses (7,2% dos homens e 20,8% das mulheres).

Em relação à renda familiar per capita as mães das famílias menos favorecidas apresentaram frequência significativamente maior de distúrbios psiquiátricos menores, o que parece coerente com as piores condições de vida a que devem estar submetidas. Como foi observado anteriormente neste trabalho, essa mesma associação foi encontrada por MARI (1987) e por FERNANDES (1989).

ALCOOLISMO (tabela 52)

Em relação aos possíveis casos de alcoolismo triados pelo CAGE encontrei porcentagens aproximadas às anteriormente relatadas por IACOPONI (1987) que encontrou 4,2% de CAGE+ sendo 11,0% entre os homens e 3,0% entre as mulheres. O autor levanta a hipótese de que esses números, menores que os esperados, se devam ao fato de que pessoas com problemas relacionados ao álcool não se servem habitualmente dos níveis de atenção primária; vão procurar os serviços de atenção secundária e terciária quando já estão bastante comprometidos. Essa hipótese é coerente com o relatado por MASUR & JORGE em 1985, que encontraram 27,0% de CAGE+ em homens e 5,0% em mulheres internados em enfermarias de um hospital geral no município de São Paulo. KERR CORREA et al. (1985) encontraram nas enfermarias de um hospital geral de ensino em Botucatu, S.P., 17,2% de CAGE+ nos homens e 1,8% nas mulheres.

O número pequeno de pais possíveis alcoólatras impede que se possa tentar estabelecer associações significativas. Observou-se que todos os pais CAGE+ estão na faixa entre 30 e 40 anos e pertencem a famílias com renda familiar per capita inferior a 3 salários mínimos.

V.2. FATORES FAMILIARES E APROVEITAMENTO ESCOLAR

As variáveis que apareceram significativamente associadas ao aproveitamento escolar nesta pesquisa são, quase todas, elementos de caracterização sócio-econômica (de acordo com GUIDI & DUARTE, 1969): escolaridade dos pais, número de cômodos da casa, renda familiar per capita.

Como foi relatado no capítulo anterior, tanto o fato do pai saber ler e escrever como os níveis mais altos de escolaridade estão associados significativamente a maior índice de promoção. A relação entre escolaridade dos pais e mães e aproveitamento escolar é referida por diversos autores (MARCONDES et al., 1984; SAMUELS, 1986; WEISS, 1987; MOISÉS & SUCUPIRA, 1988). Essa relação é interpretada, de um modo geral como se referindo à valorização e estímulo que a família dá ao estudo, ao cuidado em fornecer condições concretas para a aprendizagem, à possibilidade de dar informações e servir de modelo. Nesta pesquisa a interpretação pode ser diferente ao se levar em conta que a escolaridade das mães e também o fato de saberem ou não ler e escrever não está interferindo de maneira significativa no aproveitamento dos alunos. Vê-se, inclusive, que a maior proporção de alunos promovidos se encontra com as mães que têm primário completo e não completaram ginásio (40,5%), enquanto que a maior proporção de reprovados se encontra com as mães que têm ginásio completo e não completaram colégio (33,3%) - ver tabela 66. Considerando-se o fato de que, na população estudada, as mães tendem a apresentar um melhor nível de escolaridade que os pais (o que facilitaria uma melhor colocação profissional), mas que, por outro lado, 62,8% delas são donas de casa, não contribuindo para o orçamento familiar, é razoável supor que o aproveitamento esteja ligado mais diretamente à renda compatível com a capacitação profissional dos pais que à escolaridade em si. Recorde-se aqui que foi encontrada associação significativa entre menor escolaridade dos pais e menor renda familiar per capita.

O número de cômodos na casa, além de, mais uma vez, refletir a questão sócio-econômica com todas suas implicações, também pode estar mais diretamente associada à questão do aprendizado, na medida em que fica mais difícil a determinação de um local de estudo apropriado. Analisando a tabela de número de cômodos na casa (tabela 60), chama a atenção o fato de que as famílias que moram em casas de um cômodo apresentam praticamente a mesma incidência de reprovação que famílias em casas de três cômodos. Analisando essas famílias, verifiquei que, dos vinte e três promovidos, dezoito (78,2%) ficam em casa na companhia de adulto responsável, o que se mostrou um fator modificador bastante importante.

O maior número de pessoas na casa, significativamente associado ao maior número de reprovados, é compatível com o dado de que a menor renda familiar per capita se relaciona ao maior número de reprovações, enquanto que o fator renda familiar, sozinho, não apresenta diferença significativa em relação à incidência de reprovados, seja levando-se em conta a divisão em níveis, seja comparando-se o valor exato da renda. Encontrei também associação significativa entre o número de irmãos (mais de dois) do aluno e reprovação, o que é coerente com o achado anterior. DAVIES & GOLDSTEIN (apud SILVA et al., 1982), na Inglaterra, verificaram que crianças de sete anos de idade, provenientes de famílias grandes, tinham desempenho escolar significativamente pior que crianças vindas de famílias menores; essas diferenças persistiram mesmo quando se levou em conta diferenças sócio-econômicas. Concluíram que isso se devia à menor disponibilidade de atenção por parte dos pais. Por outro lado, SILVA et al. (1982), em estudo realizado posteriormente na Nova Zelândia, não encontraram essas associações. FREEBERG & PAYNE (1967) afirmam que as mães são mais disponíveis para dar atenção quanto menos filhos possuíam e quanto mais perto a criança esteja de ser primogênito. ALMEIDA FILHO et al. (1985) encontraram associação significativa entre psicopatologia infantil e tamanho da família em um estudo em Salvador, BA.

O fator "ficar em casa na companhia de adulto responsável", além de se associar significativamente a um maior índice de promoção na população estudada, parece funcionar como fator de proteção nas crianças promovidas pertencentes a famílias de renda muito baixa. Com os dados de que disponho, não é possível atribuir um significado preciso a esse fator. Supõe-se que o adulto interfira de diversas maneiras. CASTANHEIRA (1984) refere a importância de uma pessoa responsável em casa para o rendimento e mesmo para garantir a frequência à escola. FREEBERG & PAYNE (1967) observam em sua pesquisa : "...uma dimensão que pode ser nitidamente peculiar para as fases cognitivas-intelectuais da criação da criança é o grau de disposição para dispendir tempo com a criança e interagir com ela em uma variedade de situações." Referem também que os pais dedicam menos tempo, controlam menos, têm menos interesse pelas necessidades cognitivas da criança; a mãe é a pessoa mais disponível, geralmente, em todos esses aspectos. Esses autores observam também que não acontecem associações significativas entre práticas ligadas ao desenvolvimento cognitivo e o nível ocupacional da mãe; referem em apoio observações de HOFFMAN, L.W. Também no presente estudo não encontrei evidências de relação entre nível ocupacional das mães e aproveitamento escolar. Pode-se indagar se os papéis habitualmente atribuídos a cada sexo em nossa cultura não teriam a ver com os resultados apresentados aqui: ao pai, o papel de provedor; à mãe, o de responsável pelo cuidado dos filhos.

O fato de que a renda familiar per capita apresenta relação com o aproveitamento nesta pesquisa mostra uma direção para futuros trabalhos mas, em si, não permite maiores conclusões. Seria importante poder estudar mais de perto quais os mecanismos que atuam nas famílias de baixa renda, contribuindo para o fracasso escolar. Ele pode estar associado à falta de conforto do aluno, de alimentação adequada, de poder aquisitivo para compra de material escolar, de disponibilidade do aluno para dedicar-se só ao estudo, de tempo por

parte dos pais para dedicar atenção, de possibilidade de frequentar pré-escola. É importante voltar ao dado de que onze alunos de famílias com renda inferior a dois salários mínimos e renda per capita inferior a um salário mínimo foram promovidos; o que distingue essas famílias quanto às variáveis onde encontrei relações significativas é que nove pais sabem ler e escrever e todos os onze ficam em casa na companhia de adulto responsável. Todas as mães sabem ler e escrever.

Quanto à saúde mental dos pais, objetivo principal da pesquisa, pouco se pode concluir. Os distúrbios psiquiátricos menores distribuem-se na população estudada de maneira bastante semelhante entre as mães dos aprovados e reprovados (ver tabela 68); na realidade, eles aparecem em proporção discretamente maior nas mães dos promovidos. Esse resultado intriga, na medida em que existe nestas mesmas famílias associação significativa entre distúrbios psiquiátricos menores e renda familiar per capita. É possível que haja fatores modificadores importantes, não estudados, atuando concomitantemente. Como foi dito anteriormente, a perda de comparecimento pode trazer vieses porque existe a possibilidade de que famílias que não compareceram se distribuam de maneira bastante diferente em relação aos fatores estudados.

Uma das perguntas do SRQ-20 obteve grande número de respostas afirmativas e se apresentou significativamente mais frequente entre pais e mães dos reprovados: "Sente-se nervoso, tenso ou preocupado?" Pode-se encarar esse dado como uma pista a se considerar para uma pesquisa futura; na população estudada não se apresentou evidência de que possíveis casos de distúrbios psiquiátricos menores se relacionem a mau aproveitamento escolar dos filhos, mas algo subjetivamente identificado como "sentir-se nervoso, tenso ou preocupado" e não necessariamente associado a um diagnóstico psiquiátrico está associado à reprovação dos filhos. Teria talvez relação com o "clima familiar" necessário ao aprendizado

de que falam MARCONDES et al. (1978), com disfunções na relação mãe-filho cuja importância MARCONDES et al. também acen- tuaram, assim como AJURIAGUERRA (1983), e com a disponibili- dade interna para contatar com a criança, como apontaram FREEBERG & PAYNE (1967).

O alcoolismo, embora se apresente, proporcionalmente, duas vezes maior entre os pais dos reprovados, não pode ser avaliado devido ao número reduzido de possíveis casos que fi- nalmente se obteve, sendo necessário realizar nova pesquisa que consiga garantir a presença de um número maior de pais para que se possa chegar a alguma conclusão.

" Em todos os manicômios há doidos malucos com
tantas certezaas!

Eu, que não tenho nenhuma certeza, sou mais certo
ou menos certo?"

FERNANDO PESSOA, em
"Tabacaria"

VI. CONCLUSÕES

Não foram observadas, na população estudada, diferenças significativas, quanto ao estado de saúde mental dos pais, entre o grupo de promovidos e o de reprovados. Em relação ao alcoolismo, o número pequeno de pais alcoólatras impossibilita valorizar essa observação.

Foi encontrada proporção significativamente maior de reprovados entre os alunos que possuem dois ou mais irmãos, em comparação aos que possuem apenas um ou são filhos únicos.

Foi encontrada proporção significativamente maior de reprovados entre os alunos que ficam em casa sozinhos ou na companhia dos irmãos, em relação àqueles que ficam na companhia de adulto responsável.

Foi encontrada proporção significativamente maior de reprovados nas famílias de menor renda per capita, mais numerosas, residentes em habitações com menor número de cômodos, onde os pais são analfabetos ou possuem níveis baixos de escolaridade.

A perda no comparecimento, principalmente levando-se em conta que, entre os que não compareceram, houve proporção maior de reprovados, impede que se chegue a informações conclusivas a partir desses dados. Eles são sugestivos de que, na população estudada, o aproveitamento escolar esteja associado principalmente à condição sócio-econômica das famílias dos alunos, atuando o fator "companhia em casa" como um moderador importante.

ANEXO

1ª QUESTIONÁRIO

ESTUDO DO AMBIENTE FAMILIAR DO ALUNO

Nome do aluno

Data de nascimento

1-Sexo: 1-Feminino 2-Masculino

2-Responsável: 1-Pai 2-Mãe 3-Outro

Pai ou responsável masculino:

3-Idade: 1-Menos de 20 2-Entre 20 e 30 3-Entre 30 e 40 4-Mais de 40

4-Estado civil: 1-Casado 2-Amigado 3-Solteiro 4-Viúvo 5-Separado

5-Grupo racial: 1-Branco 2-Mulato 3-Negro 4-Amarelo 5-Outro

6-Religião: 1-Católica 2-Protestante 3-Espírita 4-Outra

7-Procedência: 1-Grande São Paulo 2-Interior do estado-zona urbana

3-Interior do estado-zona rural 4-Outro estado-zona urbana

5-Outro estado-zona rural 6-Outro país

8-Ocupação: _____

(Não preencher: 1- 2- 3- 4- 5-)

9-Está empregado? 1-Sim 2-Não

10-Sabe ler e escrever? 1-Sim 2-Não

11-Escolaridade: 1-Não completou primário 2-Primário completo, não completou ginásio 3-Ginásio completo, não completou colegial

4-Colégio completo, não completou faculdade 5-Completou faculdade

Mãe ou responsável feminina:

12-Idade: 1-Menos de 20 2-Entre 20 e 30 3-Entre 30 e 40 4-Mais de 40

13-Estado civil: 1-Casada 2-Amigada 3-Solteira 4-Viúva 5-Separada

14-Grupo racial: 1-Branco 2-Mulato 3-Negro 4-Amarelo 5-Outro

15-Religião: 1-Católica 2-Protestante 3-Espírita 4-Outra

16-Procedência: 1-Grande São Paulo 2-Interior do estado-zona urbana

3-Interior do estado-zona rural 4-Outro estado-zona urbana

5-Outro estado-zona rural 6-Outro país

17-Ocupação: _____

(Não preencher: 1- 2- 3- 4- 5-)

18-Está empregado? 1-Sim 2-Não

- 19-Sabe ler e escrever? 1-Sim 2-Não
- 20-Escolaridade: 1-Não completou primário 2-Primário completo, não completou ginásio 3-Ginásio completo, não completou colegial
- 4-Colégio completo, não completou faculdade 5-Completou faculdade
- 21-Renda familiar: _____
- (Não preencher: 1-Menos de 1 salário mínimo 2-Entre 1 e 2 salários mínimos 3-Entre 2 e 3 salários mínimos 4-Entre 3 e 4 salários mínimos 5- 4 salários mínimos ou mais
- 22- Quantas pessoas moram na casa? 1-Duas 2-Três 3-Quatro
- 4-Cinco 5-Seis ou mais
- 23-Quantos cômodos tem a casa? (salas ou quartos) 1-Um 2-Dois
- 3-Três 4-Quatro 5-Cinco ou mais
- 24-Tem luz elétrica? 1-Sim 2-Não
- 25-Tem água encanada? 1-Sim 2-Não
- 26-Tem esgoto? 1-Sim 2-Não
- 27-Costumam ter livros ou revistas? 1-Sim 2-Não
- 28-A criança tem lugar para estudar? 1-Sim 2-Não
- 29-Há lugar para guardar o material de escola? 1-Sim 2-Não
- 30- A criança tem material para rascunho? 1-Sim 2-Não
- 31-Alguém na casa pode ajudar nas lições? 1-Sim 2-Não
- 32-Com quem o aluno fica quando está em casa? 1-Sozinho
- 2-Com irmãos menores 3-Com irmão maior 4-Com adulto responsável
- 33-Onde a criança dorme? 1-Junto com os pais 2-Com outras crianças
- 3-Com outros adultos 4-Sozinha
- 34-Quantas pessoas dormem na mesma cama? 1-Só o aluno 2-Duas ou +
- 35-Quantos irmãos tem o aluno? 1-Nenhum 2-Um 3-Dois ou mais
- 36-O aluno é o filho: 1-Mais velho 2-Mais novo 3-Do meio
- 37-Houve morte de algum irmão? 1-Sim 2-Não
- 38-Houve morte de um dos pais? 1-Sim 2-Não 39- 1-Pai Mãe
- 40-Qual a idade da criança quando essa morte ocorreu? 1-Antes de completar um ano 2-Após completar um ano 3-Aconteceu este ano
- 41-Os pais vivem juntos? 1-Sim 2-Não
- 42-Se não, com qual deles está vivendo o aluno? 1-Pai 2-Mãe
- 3-Nenhum

2º QUESTIONÁRIO : PERGUNTAS PARA : A-PAI B-MÃE

Nome do aluno:

- | | | |
|---|-------|-------|
| 1-Tem dores de cabeça freqüentes? | 1-Sim | 2-Não |
| 2-Tem falta de apetite? | 1-Sim | 2-Não |
| 3-Dorme mal? | 1-Sim | 2-Não |
| 4-Assusta-se com facilidade? | 1-Sim | 2-Não |
| 5-Tem tremores nas mãos? | 1-Sim | 2-Não |
| 6-Sente-se nervoso, tenso ou preocupado? | 1-Sim | 2-Não |
| 7-Tem má digestão? | 1-Sim | 2-Não |
| 8-Tem dificuldade em pensar com clareza? | 1-Sim | 2-Não |
| 9-Tem se sentido triste ultimamente? | 1-Sim | 2-Não |
| 10-Tem chorado mais do que o costume? | 1-Sim | 2-Não |
| 11-Encontra dificuldades para realizar com satisfação suas atividades diárias? | 1-Sim | 2-Não |
| 12-Tem dificuldade para tomar decisões? | 1-Sim | 2-Não |
| 13-Tem dificuldades no serviço (seu trabalho é penoso, lhe causa sofrimento?) | 1-Sim | 2-Não |
| 14-É incapaz de desempenhar um papel útil em sua vida? | 1-Sim | 2-Não |
| 15-Tem perdido o interesse pelas coisas? | 1-Sim | 2-Não |
| 16-Você se sente uma pessoa inútil, sem préstimo? | 1-Sim | 2-Não |
| 17-Tem tido a idéia de acabar com a vida? | 1-Sim | 2-Não |
| 18-Sente-se cansado o tempo todo? | 1-Sim | 2-Não |
| 19-Tem sensações desagradáveis no estômago? | 1-Sim | 2-Não |
| 20-Você se cansa com facilidade? | 1-Sim | 2-Não |
| 21-Sente que tem alguém que de alguma maneira quer lhe fazer mal? | 1-Sim | 2-Não |
| 22-Você é alguém muito mais importante do que a maioria das pessoas pensa? | 1-Sim | 2-Não |
| 23-Tem notado alguma interferência ou outro problema estranho com seu pensamento? | 1-Sim | 2-Não |
| 24-Ouve vozes que não sabe donde vêm ou que outras pessoas não podem ouvir? | 1-Sim | 2-Não |
| 25-Sente-se chateado consigo mesmo pela maneira como costuma beber? | 1-Sim | 2-Não |
| 26-Costuma beber pela manhã para diminuir o nervosismo ou a ressaca? | 1-Sim | 2-Não |
| 27-As pessoas o aborrecem porque criticam o seu modo de beber? | 1-Sim | 2-Não |
| 28-Alguma vez sentiu que deveria diminuir a quantidade de bebida ou parar de beber? | 1-Sim | 2-Não |

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AJURIAGUERRA, J. - Manual de Psiquiatria Infantil. 2.ed. São Paulo, Masson, 1983.
- ALMEIDA FILHO, N.de et al. - Relações entre a saúde mental dos pais e a saúde mental das crianças em uma população urbana de Salvador-Bahia. Acta psiquiát. psicol. Amér. lat., 31: 211-221, 1985.
- ARCARO, N.T. - Caracterização de aspectos da clientela e sistema de atendimento de um ambulatório de Saúde Mental. São Paulo, 1989. Tese de mestrado. Universidade de São Paulo.
- BARRETO et al. - Algumas considerações sobre formas de trabalho na escola. In: São Paulo(Estado), Secretaria da Educação, Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Ciclo Básico. São Paulo, SE/CENP, 1987, 133 p. p.121-133.
- BRASIL. Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social. - Programa de Reorientação da Assistência Psiquiátrica. Brasília, 1983.
- CALIL, V.L.L. - Terapia familiar e de casal. São Paulo, Summus Editorial, 1987. 236 p.
- CASTANHEIRA, J.E.C. - Quem vai aos parquinhos da prefeitura? Interação, 5: 10-12, 1984.
- COLLARES, C.A.L. e MOYSÉS, M.A.A. Educação ou Saúde? Educação x Saúde? Educação e Saúde! Cadernos Cedes. São Paulo, Cortez Editora, 15: 7-16, 1986.
- DAVIES, R. & GOLDSTEIN, H., apud Silva, P.A. et al. - Family size, ordinal position, socio-economic status and child development: a report from the Dunedin Multidisciplinary ChildDevelopment Study. NZ Med J., 95: 371-373, 1982.
- DIAS, I.M. - Uma escola em terapia. Interação, 5: 27-28, 1984.
- DIVISÃO NACIONAL DE SAÚDE MENTAL. Diretrizes para a área de Saúde Mental. Brasília, 1980.
- ERWING, J.A. & ROUSE, B.A., apud MASUR et al., Detecção Precoce do Alcoolismo em Clínica Médica Através do Questionário CAGE. J bras Psiq, 34(1):31-34, 1985.

- FERNANDES, A.M.P. - Trabalho hospitalar e sofrimento psíquico. São Paulo, 1989. Tese de doutorado. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.
- FERREIRO, E. & TEBEROSKY, A. Los sistemas de escritura en el desarrollo del niño. 2 ed. México, Siglo XXI, 1980. p.9-47.
- FERREIRO, E. - A representação da linguagem e o processo de alfabetização. Cadernos de Pesquisa, 52:7-17, 1985.
- FERREIRO, E., apud WEISZ, T. - Como se aprende a ler e escrever ou prontidão, um problema mal colocado. In: São Paulo (Estado) Secretaria da Educação, Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Ciclo Básico. São Paulo, SE/CENP, 1987, 133p. p.65-83.
- FREEBERG, N.E. & PAYNE, D.T. - Dimensions of parental practice concerned with cognitive development in the preschool child. J. Genet. Psychol., 111:245-261, 1967.
- GUIDI, M.L.M. & DUARTE, S.G. - Um esquema de caracterização sócio-econômica. Rev. Bras. Est. Pedag., 52: 65-82, 1969.
- HARDING, T.W. et al. - Mental Disorders In Primary Health Care: a study of their frequency and diagnosis in four developing countries. Psychol. Med., 10: 231-241, 1980.
- HARDING, T.W. et al. - The Who Collaborative Study on Strategies for Extending Mental Health Care, II: The Development of New Research Methods. Am J Psychiatry, 140(11): 1474-1480, 1983.
- IACOPONI, E. Detección of mental disorders in primary health care in Sao Paulo - Brazil : report of a pilot study. Não publicado. Apresentado ao General Practice Research Unit, Institute of Psychiatry. Londres, 1987.
- KERR-CORREA, F. et al. - Importância do estudo da prevalência de ingestão alcoólica excessiva para o diagnóstico de alcoolismo em enfermarias gerais e especializadas. Rev. Ass. Bras. Psiq., 7: 159-162, 1985.
- LIMA, G.Z. et al. - A criança na escola. In: MARCONDES, E. Pediatria Básica. 7ed. São Paulo, Sarvier, 1985. p.69-74.
- MANNONI, M. - A criança, sua "doença" e os outros. 1.ed. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1971. 251 p.

- MARCONDES, E.; KRYNSKI, S.; MACHADO, D.V. - Dificuldades Escolares. In: Pediatria Básica. 6ed. São Paulo, Sarvier, 1978. p.223-229.
- MARI, J.J. Psychiatric morbidity in three primary medical care clinics in the city of Sao Paulo. Soc Psychiatry, 22: 129-138, 1987.
- MARI, J.J. & WILLIAMS, P.-A validity Study of a Psychiatric Screening Questionnaire (SRQ-20) in Primary Care in the city of Sao Paulo. Br J Psychiatry, 148: 23-26, 1986.
- MARIZ, P.J.C. et al. Saúde Mental em Saúde Pública. Trabalho apresentado no VII Congresso Brasileiro de Psiquiatria, realizado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro em conjunto com o XII Congresso Internacional de Psicoterapia. Rio de Janeiro, 1982.
- MASUR, J. et al. - Consumo de álcool em pacientes de hospital geral: um problema negligenciado? Rev. Ass. Méd. Bras., 25- 302-306, 1979.
- MASUR, J. et al. Detecção Precoce do Alcoolismo em Clínica Médica Através do Questionário CAGE. J bras Psiqu, 34(1): 31-34, 1985.
- MASUR & JORGE, M.R. An attempt to improve the identification of alcohol-dependent patients in a teaching general hospital. Drug Alcohol Depend., 16: 67-73, 1985.
- MASUR, J. & JORGE, M.R. Dados relacionados a bebidas alcoólicas e alcoolismo no Brasil: uma revisão. Rev. ABP-APAL, 8(4): 157-165, 1986.
- MOYSÉS, M.A.A. & SUCUPIRA, A.C.S.L. - Dificuldades Escolares. In: MARCONDES et al., Pediatria em consultório. São Paulo, Savier, 1988. p.303-311.
- MORGADO, A.F. & COUTINHO, E.S.F. - Dados de epidemiologia descritiva de transtornos mentais em grupos populacionais do Brasil. Cad. Saúde Pública, 1(3):327-347, 1985.
- OMS - Los problemas relacionados con el alcohol: una amenaza creciente para la salud. Crónica de la OMS, 36(6):243-247, 1982.
- PAIN, S.-Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985. 86p.

- PATTO, M.H.S. A criança da escola pública: deficiente, diferente ou mal trabalhada? In: São Paulo(Estado)Secretaria da Educação, Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Ciclo Básico. São Paulo, SE/CENP, 1987, 133p. p.51-61.
- SAMUELS, S.J.-Why Children Fail to Learn and What to Do About It. Exc Child., 53(1): 7-16, 1986.
- SANDLER, I.N.-Social support resources, stress and maladjustment of poor children. Am J Com Psychol., 8(1): 41-52, 1980.
- SANDLER, P.C. - O campo da Psiquiatria Social: definições de termos e um esquema. Bol. de Psiq., 8(3-4): 53-70, 1975.
- SÃO PAULO(Estado)Secretaria da Educação, Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Reorganização do Ensino de Primeiro Grau: Ciclo Básico. Ciclo Básico. São Paulo, SE/CENP, 1987, 133p.p.13-22.
- SILVA, P.A. et al. - Family Size, ordinal position, socioeconomic status and children development: a report from the Dunedin Multidisciplinary Child Development Study. NZ Med J., 95(709): 371-373, 1982.
- SIMMONS, J.E. - Exame Psiquiátrico da Criança. 2.ed. São Paulo, Editora Manole, 1976. 182 p.
- SUDS-7 - Diagnóstico Epidemiológico da Região Municipal de Saúde da Freguesia do Ó e Santana/Tucuruvi(ARS-7). São Paulo, 1989.
- TELLEGEN, T.A.-Gestalt e Grupos. 1.ed. São Paulo, Summus Editorial, 1984. 126 p.
- TIZMINETZKY, M. et al. - El alcoholismo como factor de adaptación-desadaptación en el partido de La Matanza. Acta psiquiatr. psicol. Am. Lat., 32: 223-231, 1986.
- URZUA, R.F. Disfuncion en el ciclo vital familiar: Abuso del alcohol y sus consecuencias en la familia. Acta psiquiatr. psicol. Am. Lat., 34(3): 223-229, 1988.
- VILELLA, G.S. et al. - Transtornos psiquiatricos en niños con familiares alcoholicos. Rev Hosp Psiq de La Habana, 30(2): 287-291, 1989.
- WEISZ, T. - Como se aprende a ler e a escrever ou prontidão um problema mal colocado. In: São Paulo(Estado)Secretaria da Educação, Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Ciclo Básico. São Paulo, SE/CENP, 1987, 133p. p.65-83.

ERRATA

À página 5, 21ª linha, onde se lê "calacada", leia-se calcada.

À página 13, 17ª linha, onde se lê "marginalizadas" , leia-se marginalizada.

À página 14, 12ª linha, onde se lê "classificação" , leia-se classificação.

À página 15, 5ª linha, onde se lê "Oa", leia-se Os.

À página 23, 32ª linha, onde se lê "cuba", leia-se Cuba.

À página 25, 15ª linha, onde se lê "Sso Paulo", leia-se São Paulo.

À página 25, 33ª linha, onde se lê "freqüencia", leia se freqüência.

À página 29, 18ª linha, onde se lê "às primeira e segunda séries", leia-se "à primeira e à segunda série".

À página 30, 21ª linha, onde se lê "ARS-7, 1989", leia se SUDS-7, 1989.

À página 40, 6ª linha, onde se lê "capítulo", leia-se trabalho.

À página 69, 4ª linha, onde se lê "diferenças", leia-se diferenças.

À página 70, onde se lê "1,39 OR 33,96", leia-se..... 1,39<OR<33,96.

À página 74, 12ª linha, substitua-se o "." por "e".

À página 74, 14ª linha, onde se lê "analizados", leia se analisadas.

À página 92, 31ª linha, onde se lê "freqüêntes", leia se freqüentes.

À página 95, 14ª linha, onde se lê "cuidade", leia-se cuidado.

À página 96, 1ª linha, onde se lê "númer", leia-se número.

À página 96, 3ª linha, onde se lê "associada", leia-se associado.